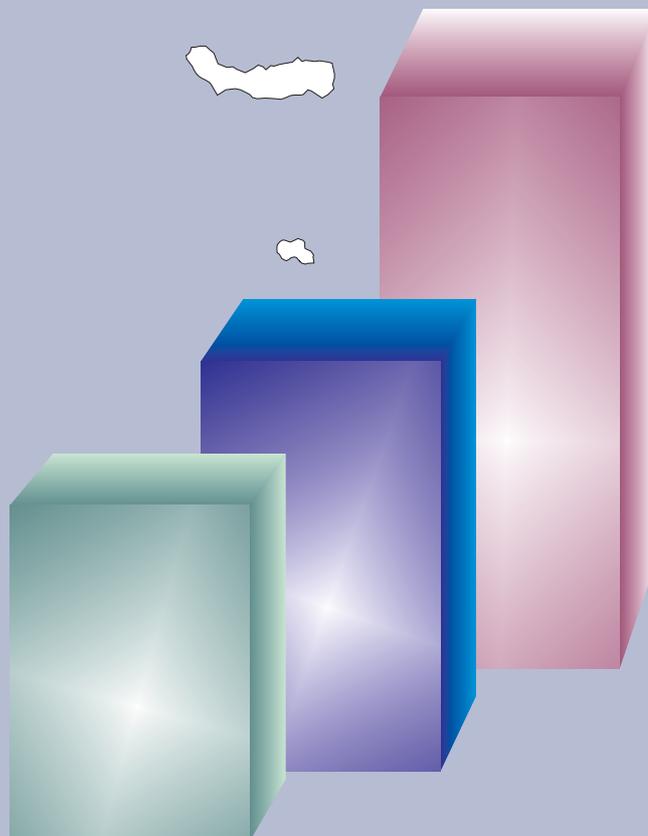
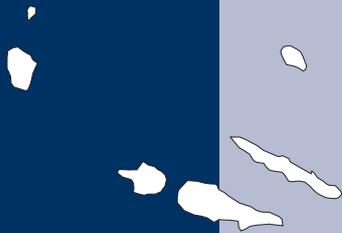




REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES
Vice-Presidência do Governo, Emprego e Competitividade Empresarial
Direção Regional do Planeamento e Fundos Estruturais

Situação Socioeconómica 2012



Outubro

21/2013

ÍNDICE

	Pág.
Introdução	5
0. Contas Regionais.....	7
1. População	11
2. Mercado de Trabalho	15
3. Preços no Consumidor	19
4. Moeda e Crédito.....	21
5. Finanças Públicas	25
6. Agricultura	29
7. Pescas.....	35
8. Energia.....	39
9. Comércio com o Estrangeiro.....	43
10. Turismo	45
11. Transportes.....	49
12. Educação	53
13. Desporto.....	57
14. Cultura	59
15. Saúde.....	61
16. Segurança Social	65
17. Sociedade da Informação	69

INTRODUÇÃO

O Presente documento visa proporcionar uma panorâmica da realidade económica e social da Região Autónoma dos Açores.

Para o efeito apresenta-se informação quantificada relevante e disponível e, sempre que possível, a análise da evolução recente dos diversos domínios e sectores tratados.

Esta publicação está disponível no site:

www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/vp-drpfe/

DRPFE, outubro de 2013

0. CONTAS REGIONAIS

O valor preliminar do PIB na Região Autónoma dos Açores foi estimado no montante de 3 701 milhões de euros a preços de mercado, no ano de 2011. Este montante representa uma variação nominal de -1,1 %, em relação ao ano anterior, semelhante ao decréscimo nominal registado no PIB Nacional (-1,0%).

Em termos reais, a Região Autónoma dos Açores foi a região do país que apresentou a evolução menos negativa em 2011, com um decréscimo real do PIB na ordem dos 0,7%.

O PIB nacional em termos reais registou uma variação de -1,6%.

O nível de riqueza médio, medido pelo rácio do PIB per capita, correspondeu a 15,1 mil euros anuais por pessoa, o que também representa uma variação, em termos nominais, significativamente próxima à da própria produção.

Produto Interno Bruto (Base 2006) a preços de mercado

Unid.: Milhões de Euros

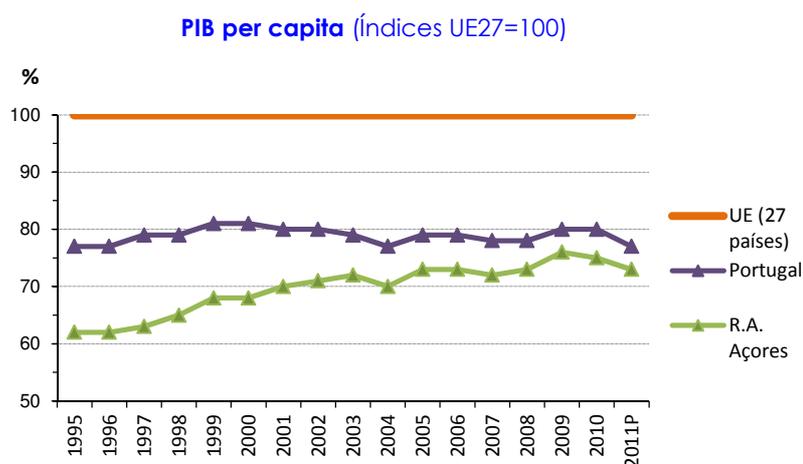
	Açores	País	Açores/País %	PIB per capita (mil euros)	PIB per capita (País=100)	PIB per capita (UE27=100)
1995	1 684	87 841	1,92	7,1	81	62
1996	1 778	93 216	1,91	7,5	81	62
1997	1 904	101 146	1,88	8,0	80	63
1998	2 105	110 377	1,91	8,9	82	65
1999	2 321	118 661	1,96	9,8	84	68
2000	2 456	127 317	1,93	10,4	83	68
2001	2 694	134 471	2,00	11,4	87	70
2002	2 883	140 567	2,05	12,1	89	71
2003	2 990	143 472	2,08	12,5	91	72
2004	3 099	149 313	2,08	12,9	91	70
2005	3 241	154 269	2,10	13,4	92	73
2006	3 390	160 855	2,11	14,0	92	73
2007	3 549	169 319	2,10	14,6	91	72
2008	3 689	171 983	2,14	15,1	93	73
2009	3 650	168 504	2,17	14,9	94	76
2010	3 743	172 835	2,17	15,3	94	75
2011P	3 701	171 040	2,16	15,1	94	73

P = Resultados preliminares.

Fonte: INE, Contas Regionais (base 2006).

Em termos de intensidade média de crescimento a evolução das atividades produtivas na Região Autónoma dos Açores compara-se à do país no seu conjunto.

De facto, os desempenhos económicos em ambos os espaços contraíram-se com ritmos e contextos significativamente semelhantes, expressando-se em índices do PIB per capita tendencialmente próximos.



A evolução da produção global pode ser observada a partir de componentes mais significativas que o cálculo do VAB por ramos de atividade permite.

Em termos de evolução nos últimos anos conhecidos, verificou-se que o decréscimo nominal de produção atingiu os diversos ramos, salientando-se, todavia, alguns por registarem níveis de variação particularmente mais intensos, como o caso da construção.

Uma exceção ao decréscimo pode ser observada no quadro a seguir apresentado, correspondendo ao ramo que engloba atividades financeiras, imobiliárias e técnicas.

VAB por Ramos de Atividades Económicas

Unid.: milhões de Euros

	Total	Primário	Industrial e Energia	Construção	Comercial Transportes e Turismo	Financeiro, Imobiliário e Técnico	Públicos e Outros serviços
1995	1 482,0	196,3	105,0	129,4	385,8	227,7	437,7
1996	1 559,0	204,2	112,8	129,9	406,4	229,4	476,5
1997	1 673,2	203,2	124,4	147,9	432,1	248,7	517,0
1998	1 840,0	218,9	152,2	167,1	472,5	261,4	567,8
1999	2 022,2	251,0	160,7	171,2	528,7	291,6	618,9
2000	2 151,5	252,4	177,6	174,7	558,5	306,1	682,2
2001	2 362,6	252,5	185,2	216,5	622,8	332,4	753,2
2002	2 520,1	266,6	205,4	224,7	667,2	342,4	813,8
2003	2 610,3	268,4	219,3	211,4	704,9	374,2	832,0
2004	2 705,1	276,9	230,0	226,4	740,7	376,0	855,1
2005	2 801,9	278,4	242,8	217,3	771,9	399,8	891,8
2006	2 915,9	273,7	260,5	220,6	811,9	423,2	926,1
2007	3 064,4	250,3	288,4	245,8	838,2	449,6	992,1
2008	3 202,6	276,4	297,0	257,7	865,7	490,9	1 015,0
2009	3 221,5	273,2	299,8	226,3	875,5	472,6	1 074,1
2010	3 279,4	285,1	327,4	206,7	890,7	483,7	1 085,9
2011P	3 230,3	283,6	326,7	186,2	891,8	486,5	1 055,4

Fonte: INE, Contas Regionais (base 2006).

À medida que se vêm acrescentando dados sobre a FBCF, vão-se revelando elementos associáveis a funções mais gerais de ordem económica e, também, a sensibilidade conjuntural em termos de variações ou flutuações cíclicas.

Setores de serviços e associáveis a infraestruturas assumem dimensões e incidências com significados específicos, enquanto outros revelam maior associação a contextos correntes de atividade económica.

Os últimos dados para 2010 mostram que, no contexto de decréscimo do total da FBCF a partir do ano de 2007, mesmo em termos nominais, alguns ramos seguem uma trajetória que se aproxima da linearidade, enquanto outros revelam mudanças e variações com intensidades expressivas nos respetivos volumes.

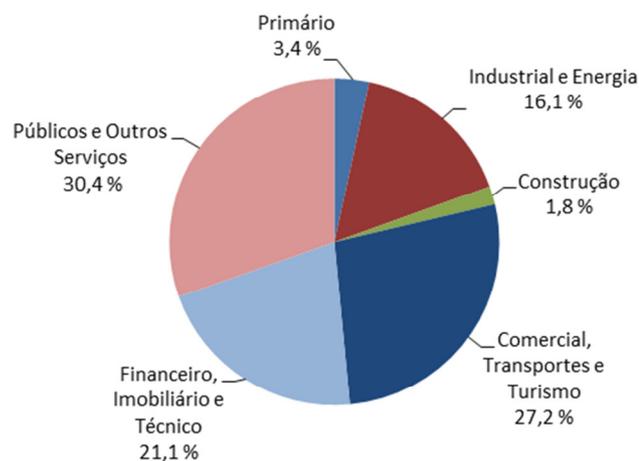
FBCF - Formação Bruta de Capital Fixo

Unid.: milhões de Euros

Anos	Primário	Industrial e Energia	Construção	Comercial Transportes e Turismo	Financeiro, Imobiliário e Técnico	Públicos e Outros serviços	Totais
2006	13,5	105,5	34,2	248,8	222,7	222,3	847,0
2007	25,6	108,1	51,6	396,0	229,1	227,5	1 037,8
2008	15,0	112,9	28,7	397,4	197,1	275,1	1 026,2
2009	18,3	169,8	19,2	220,5	224,7	319,4	971,8
2010	29,6	139,3	15,5	234,9	182,4	263,2	864,8

Fonte: INE, Contas Regionais (base 2006).

Distribuição da FBCF - % 2010



Os dados sobre rendimentos integram-se, aparentemente, na regularidade dos anos anteriores, no que respeita a margem dos rendimentos disponíveis em relação aos respetivos rendimentos primários, obtidos pelos agentes económicos nos processos produtivos.

Rendimentos

Unidade: Milhões de euros

	Rendimento Primário Bruto	Rendimento Disponível Bruto
2006	2 520	2 516
2007	2 570	2 595
2008	2 732	2 773
2009	2 743	2 798
2010	2 788	2 855

Fonte: INE, Contas Regionais (base 2006).

1. POPULAÇÃO

Os elementos mais recentes sobre movimentos demográficos apontam no sentido da evolução geral durante o ano de 2012 dar continuidade a características de variações anuais já delineadas anteriormente.

O registo de 2 488 nados-vivos em 2012 integra-se na linha de tendência do decréscimo da natalidade. O registo de 2 204 óbitos, traduz também um decréscimo em relação aos dois últimos anos.

Evolução das Componentes dos Saldos Fisiológicos

	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Nados vivos.....	2 847	2 836	2 786	2 719	2 748	2 488
Óbitos	2 250	2 274	2 433	2 466	2 375	2 204

Fonte: INE, SREA.

A diferença entre as duas linhas de evolução tem vindo a registar uma certa redução, mas gerando saldos fisiológicos que se têm mantido positivos e com dimensão significativa no contexto do crescimento demográfico.

Estima-se que em 2012, o contributo do saldo fisiológico representou cerca de 4/5 do saldo demográfico, o mesmo é dizer, do crescimento efetivo naquele ano. Complementarmente o saldo migratório representou no mesmo ano cerca de 1/5, aliás como tinha representado em 2011. Já para anos anteriores, os saldos migratórios revelam maior variabilidade, quer decorrendo de fatores mais intrínsecos à sua natureza de maior sensibilidade a fenómenos de flutuação conjuntural, como os do mercado de trabalho, quer por razões mais elementares, como os de cálculo por estimativas.

Evolução Demográfica



Destaca-se um padrão etário relativamente equilibrado na distribuição entre gerações e com um peso significativo dos mais jovens, o que favorece a sustentabilidade demográfica e social.

O abrandamento da natalidade reflete-se na contração da base etária da população, mas o crescimento efetivo, através da componente dos saldos migratórios positivos, tem contribuído para o alargamento dos escalões próprios da atividade da população.

Estrutura Etária da População

	%						
	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
População com menos 15 anos	19,4	19,1	18,8	18,6	18,3	17,9	17,5
População dos 15-64 anos	68,2	68,5	68,8	69,1	69,2	69,2	69,5
População com mais de 64 anos	12,4	12,4	12,4	12,3	12,5	12,9	13,0

Fonte: - INE.

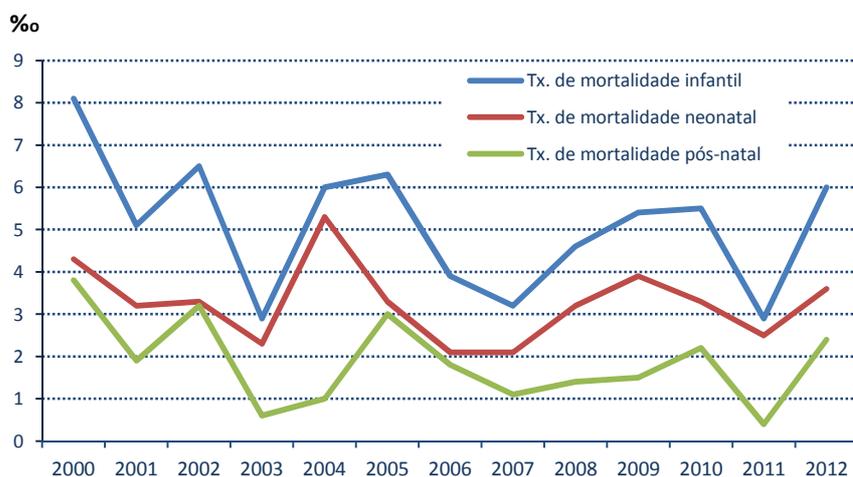
Em 2012, a taxa de mortalidade infantil situou-se em 6,0‰, sendo comparável a taxas registadas em anos anteriores.

É o caso de 2010 ou, então, mais recuadamente a meados da primeira década do século corrente.

As taxas de mortalidade neonatal e pós neonatal situaram-se em 3,6‰ e 2,4‰, respetivamente, retomando níveis também mais próximos dos

observados em anos anteriores, excetuando o de 2011 que registou um decréscimo expressivo.

Mortalidade Infantil



O número de 944 casamentos, em 2011, representa um decréscimo em relação ao ano anterior.

Os números conhecidos para divórcios e separações também registaram decréscimos no mesmo período.

Nupcialidade

	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Casamentos ..	1 465	1 304	1 345	1 207	1 214	1 023	944
Divórcios	593	749	771	787	743	768	728
Separações ...	5	2	7	8	3	9	6

Fonte: - SREA.

2. MERCADO DE TRABALHO

Em 2012, o volume de emprego (número médio de população ativa empregada) de 102,2 milhares de pessoas representa uma variação de -4,2% em relação ao ano anterior.

A redução do número de postos de trabalho implicou mais situações na condição de desemprego, cujo volume médio atingiu 18,4 milhares de pessoas, a traduzir-se numa taxa média anual de 15,3%.

As taxas de atividade que vinham revelando uma certa linha de progressividade, particularmente a feminina, registaram valores indiciadores de alguma saturação ou mesmo retração.

Condição da População Perante o Trabalho

	2009	2010	2011*	2012*
População Ativa	120 290	118 424	120 591	120 640
Empregada.....	112 171	110 286	106 743	102 221
Desempregada.....	8 118	8 139	13 848	18 419
População Inativa	124 904	127 505	125 504	125 823
Tx. de Atividade (%).....	49,1	48,2	49,0	48,9
Tx. de Atividade Feminina (%) .	39,7	38,8	41,1	40,5
Tx. de Desemprego (%).....	6,7	6,9	11,5	15,3

*Nova série.

Fonte: SREA, Inquérito ao Emprego.

Um mercado de trabalho mais restringido gera efeitos de dimensão nos grupos de população classificados como inativos.

Alguns grupos terão atingido maior expressão, como os de jovens e estudantes ou os de pensionistas incluídos estatisticamente na categoria de "outros".

Já o grupo de agentes domésticos e o de reformados do trabalho registaram reduções.

Populao Inativa

	N Indivíduos			
	2009	2010	2011*	2012*
Populao Inativa	124 904	127 505	125 504	125 823
Estudantes	18 290	18 902	19 313	21 151
Domésticos.....	27 038	28 701	22 861	20 547
Reformados	25 197	25 532	16 890	15 427
Outros Inativos.....	54 378	54 370	66 440	68 698

*Nova série.

Fonte: SREA, Inquérito ao Emprego.

A reduo no volume de emprego atingiu, de forma mais expressiva, atividades do setor secundário, particularmente as associadas a obras e construo.

Atividades do setor terciário, nomeadamente entre as mais associáveis a atividades mercantis, também foram atingidas em termos absolutos. Todavia, porque o grau de incidência foi proporcionalmente menor, o setor terciário no seu conjunto passou a representar 69,8% do emprego em 2012, enquanto no ano anterior representara 67,4%.

Populao Ativa Empregada por Setores de Atividade

	%			
	2009	2010	2011*	2012*
Sector Primário.....	12,7	11,3	12,7	14,3
Sector Secundário.....	24,4	23,8	19,9	15,9
Sector Terciário	62,9	64,9	67,4	69,8
Total.....	100,0	100,0	100,0	100,0

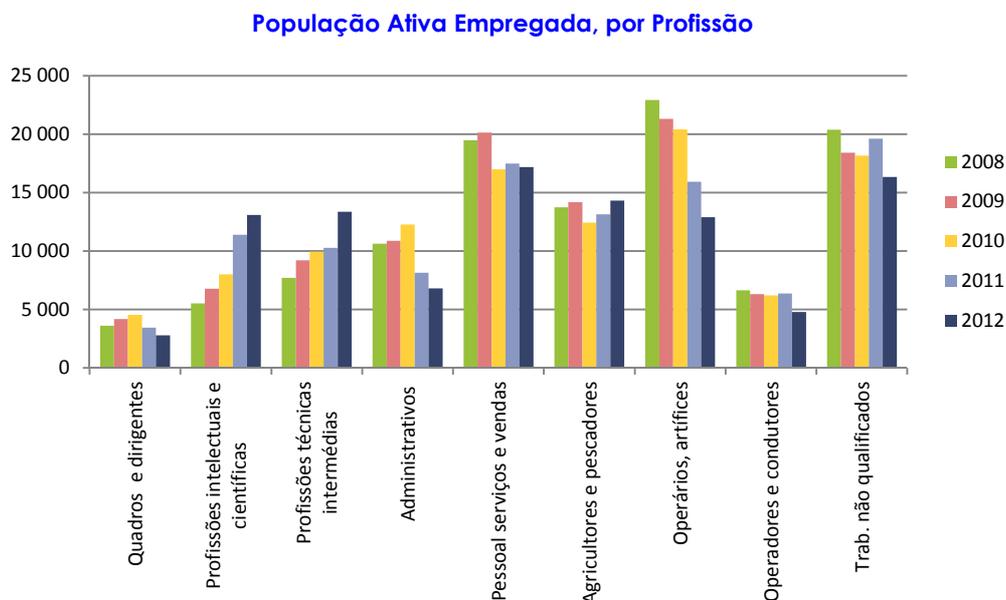
* Nova série.

Fonte: SREA, Inquérito ao Emprego.

No âmbito do setor terciário desenvolveram-se mais as profissões que envolvem mais conhecimentos e tcnicidade, como as intelectuais, científicas e técnicas intermédias.

Profissões com mais características de trabalho manual e preparao técnica menor, como operários e trabalhadores não qualificados, foram as mais atingidas.

Nos grupos profissionais de agricultores e pescadores registam-se pequenas variaoes anuais que apontam no sentido de uma certa estabilidade no número dos respetivos elementos ativos.



Observando alguns elementos de estrutura de mercado de trabalho fornecidos pelo Inquérito ao Emprego que se encontra normalizado a nível da União Europeia, verifica-se que algumas características se integram em padrões comparáveis, enquanto outras revelam diferenças significativas.

No primeiro caso destacam-se os níveis de atividade segundo os gneros masculino e feminino.

No segundo caso destacam-se os níveis de escolaridade completa, segundo os respetivos graus. Nos Açores e em Portugal na sua globalidade, o grau de ensino até ao 3º ciclo do ensino básico  o mais frequente, enquanto na EU 27  o nível Secundário.

Elementos de Estrutura, 2012*

	Açores	Portugal	UE (27 países)
Taxa de Atividade			
Total	48,9	51,8	48,7
Homens	57,5	56,5	54,3
Mulheres.....	40,5	47,5	43,5
Nível de Escolaridade Completo (%)			
Até ao básico, 3º ciclo	68,2	56,2	20,0
Secundário	16,4	22,4	49,0
Superior	15,4	21,4	31,0

*Nova série

Fontes: SREA / INE e Eurostat.

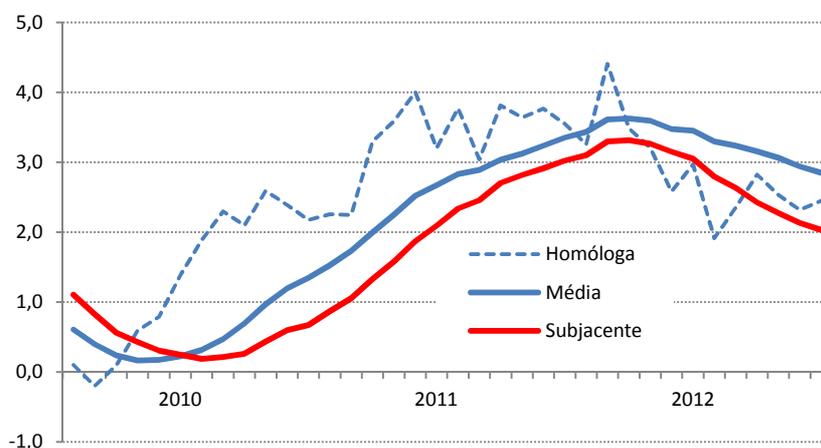
3. PREÇOS NO CONSUMIDOR

A evolução recente do índice de preços no consumidor vem revelando uma desaceleração da inflação. Efetivamente a taxa média de variação em 2012 situou-se em 2,8%, enquanto no ano anterior atingira 3,4 %.

A desaceleração de preços compagina com fatores económicos decorrentes da redução da procura e de ajustamentos de custos de produção no âmbito da economia portuguesa. O próprio meio de enquadramento exterior minimiza a componente de preços importados. Efetivamente, o desempenho económico global vem conduzindo a níveis de preços relativamente fracos e sem perspectivas de pressões inflacionistas acentuadas nos próximos tempos.

O próprio índice de inflação subjacente aponta no sentido de preços importados em produtos energéticos e alimentares não transformados estarem a contribuir para a moderação de preços.

Evolução de Preços no Consumidor



Considerando agora as 12 classes do cabaz de compras que compõem o índice de preços no consumidor, verifica-se que a classe de saúde registou o maior contributo para a desaceleração média da inflação, tendo os preços médios decrescido. Efetivamente, diversos grupos e subgrupos da classe de saúde registaram em dezembro de 2012 níveis inferiores aos respetivos índices do ano anterior. Esta evolução abrangeu certos serviços, mas foi mais expressiva no âmbito dos produtos de saúde.

Já as classes associadas a despesas com alimentação e bebidas revelaram resistência à desaceleração geral de preços, registando variações superiores à respetiva média anual e, ainda intensificando o crescimento em relação ao ano anterior.

No que respeita a despesas de alimentação verificaram-se aumentos que abrangeram a generalidade dos produtos alimentares e das bebidas não alcoólicas.

Em relação às despesas com habitação verifica-se que as variações foram mais significativas nos grupos de serviços de abastecimento de água e fornecimento de energia, do que nos grupos de rendas pagas e de despesas de manutenção e reparação das habitações.

A diversidade de situações nestas diferentes categorias de produtos decorrerá de efeitos associáveis a fatores que podem ir de variações conjunturais a processos de reajustamento estruturais no mercado, passando por medidas políticas com implicações administrativas nos preços e, nomeadamente, de ordem fiscal.

Variação e Contribuição por Classes de Despesa, em 2012

Unidade: %

Classes	Variação de preços	Ponderadores (peso)	Contribuição
1. Alimentares e Bebidas não Alcoólicas	3,3	22,1	0,7
2. Bebidas Alcoólicas e Tabaco	4,8	4,0	0,2
3. Vestuário e Calçado	3,0	5,3	0,2
4. Habitação., Água, Eletricidade, Gás e Outros Combustíveis ...	8,3	9,7	0,8
5. Acessórios, Equip. Domést. e Manut. Corrente da Habitação .	0,1	8,5	0,0
6. Saúde	-1,1	7,7	-0,1
7. Transportes.....	2,5	17,8	0,4
8. Comunicações.....	0,8	3,5	0,0
9. Lazer, Recreação e Cultura	3,5	6,0	0,2
10. Educação.....	0,1	1,1	0,0
11. Hotéis, Cafés e Restaurantes.....	3,0	5,8	0,2
12. Bens e Serviços Diversos	1,6	8,6	0,1
Total	2,8	100,0	2,8

Fonte: SREA.

4. MOEDA E CRÉDITO

Na rede de balcões dos diversos bancos com atividade na Região Autónoma dos Açores os clientes depositaram 2 945 milhões de euros em 2012.

No mesmo período foram concedidos 4 527 milhões de euros em empréstimos.

Estes números continuam a inserir-se numa linha de aproximação do nível de empréstimos concedidos ao nível de poupança captada, representando o rácio de transformação (créditos/depósitos), de 153,7% em 2012, um desempenho mais contido do que anteriormente e, simultaneamente, mais ajustado aos recursos disponíveis e às condições de risco na respetiva conjuntura.

Depósitos e Créditos Bancários

10⁶ Euros

Evoluções	Depósitos	Créditos ¹⁾	Créditos/Depósitos (%)
Absoluta			
2008.....	2 834	4 446	156,9
2009.....	2 931	4 646	158,5
2010.....	3 065	4 816	157,1
2011.....	3 015	4 728	156,7
2012.....	2 945	4 527	153,7
Relativa Nominal (Δ %)			
2009/2008.....	3,4	4,5	
2010/2009.....	4,6	3,7	
2011/2010.....	-1,6	-1,9	
2012/2011.....	-2,3	-4,1	
Relativa "Real (2)" (Δ %)			
2009/2008.....	2,6	3,7	
2010/2009.....	3,2	2,3	
2011/2010.....	-4,9	-5,2	
2012/2011.....	-5,9	-6,8	

1) Não inclui crédito titulado.

2) Considerando a evolução do IPC.

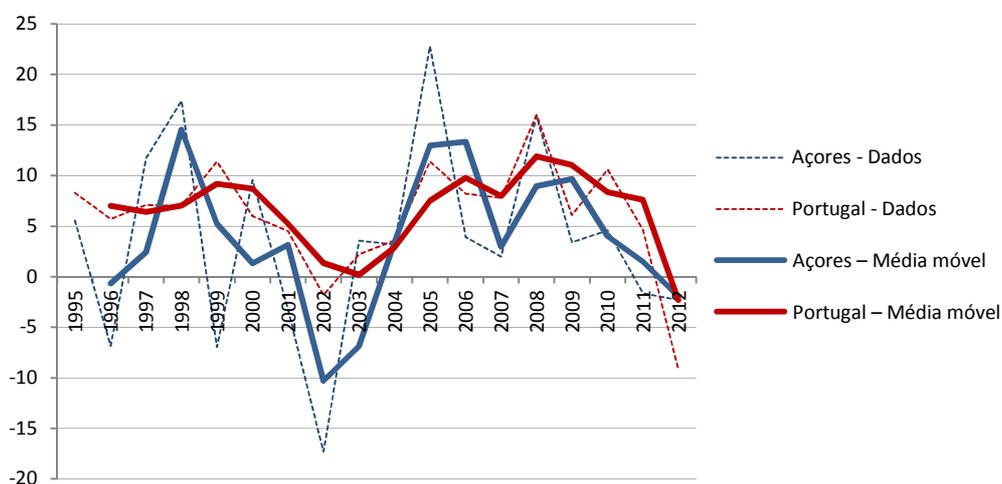
Fonte: Banco de Portugal, Boletim Estatístico, www.bportugal.pt

Depósitos

Os 2 945 milhões de euros captados pela rede bancária em 2012, correspondem a uma taxa de variação média anual de -2,3% em relação ao ano anterior, mesmo em termos nominais.

Para esta evolução terão contribuído fatores como o da evolução dos níveis de rendimento/poupança dos clientes e os da remuneração dos depósitos com as taxas de juros passivas a situarem-se em mínimos históricos.

Depósitos Bancários
(Taxa de variação média anual))

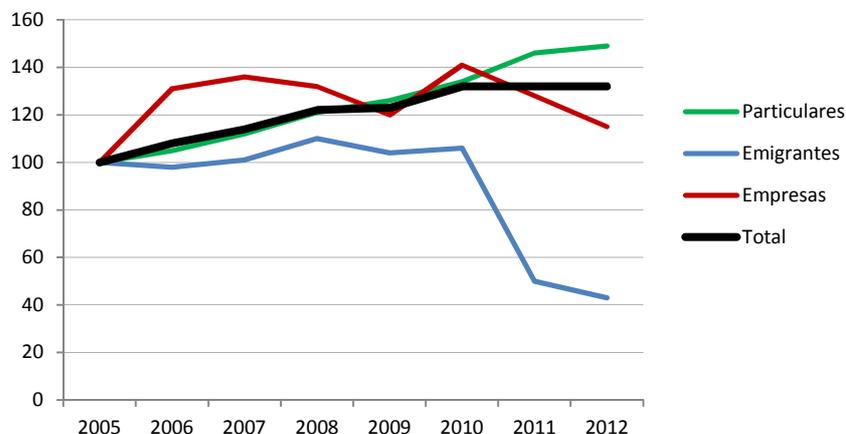


Na estrutura dos depósitos segundo o tipo de aforradores, os particulares ocupam tradicionalmente uma posição de elevada representatividade e, conseqüentemente, de influência na evolução do volume de depósitos.

Todavia, na evolução recente os depósitos de emigrantes e das empresas parecem desempenhar um papel intensificador da tendência geral decrescente.

Depósitos bancários por aforradores

Índice 2005 = 100



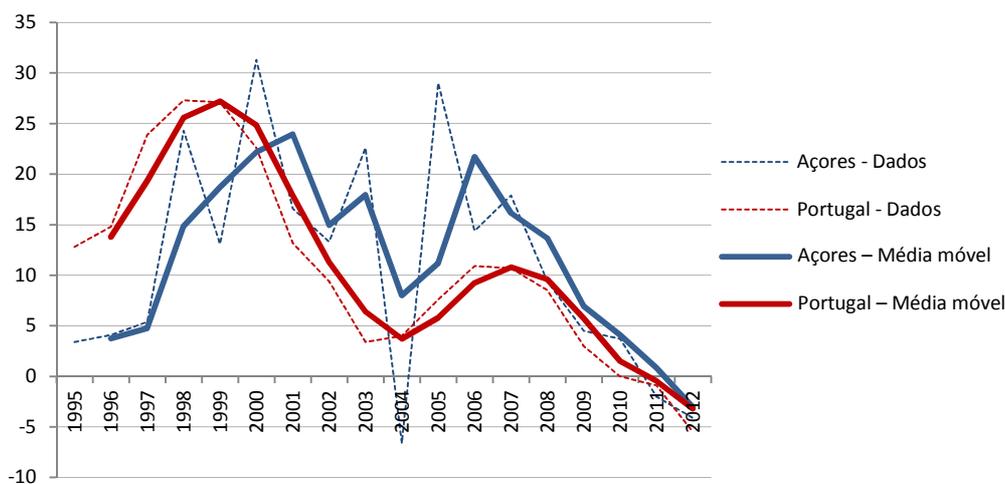
Créditos

O montante de 4 527 milhões de euros de créditos concedidos em 2012, representam uma variação nominal à taxa média anual de -4,1%.

Esta evolução integra-se no processo recessivo das atividades económicas com deterioração de expectativas, a par de políticas restritivas, mesmo que apresentem algumas margens para adaptação e reajustamento a condições mais favoráveis.

Créditos concedidos

(taxas de variação média anual)



A contração no volume de crédito concedido atingiu as diversas componentes que formam a sua estrutura.

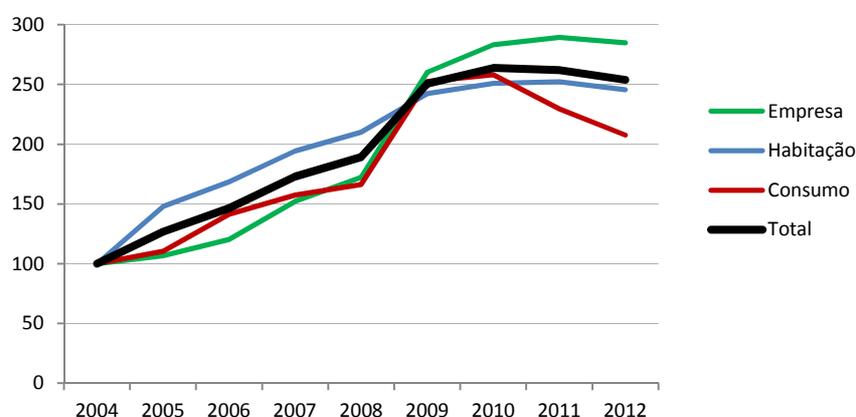
O crédito ao consumo regista a quebra mais acentuada, caindo para níveis de há alguns anos atrás.

O crédito para habitação vem seguindo registos próximos dos da tendência geral. Aliás, o crédito para esta finalidade continua a ocupar um peso expressivo no volume de aplicações financeiras.

O crédito a empresas tem vindo a ocupar uma posição de relativa consistência alargando a sua quota na carteira de negócios dos bancos.

Créditos Concedidos a Agentes Económicos

Índice 2005 = 100



O desempenho da atividade bancária na Região Autónoma dos Açores, durante o exercício de 2012, foi fortemente condicionado pelo quadro recessivo da economia portuguesa.

Entretanto, os elementos disponíveis sobre depósitos e créditos apontam no sentido de que os níveis de realização na Região comparativamente ao País atingiram em termos relativos uma posição semelhante à do ano transato.

Rede e Cobertura Bancária em 2012

	Unidades	Açores	País	Açores/País (%)
Depósitos.....	10 ⁶ Euros	2 945	204 280	1,4
Créditos.....	10 ⁶ Euros	4 527	239 380	1,9
Balcões ⁽¹⁾	Nº	168	6 080	2,8

(1) – Dados de 2011.

Fonte: Banco de Portugal, Boletim Estatístico, www.bportugal.pt.

5. FINANÇAS PÚBLICAS

Evolução Geral

A Conta da Região apresentou, a 31 de dezembro de 2012, um saldo global de 2,7 milhões de euros. Este montante resulta de um valor de receita de 1.293,6 milhões de euros e de um valor de despesa de 1.290,9 milhões de euros. Excluindo-se as operações extraorçamentais e saldos de anos findos, obtém-se um saldo de 693,0 milhares de euros, correspondendo a 1.029,5 milhões de euros de receita e a 1.028,8 milhões de euros de despesa. Este total de despesa representa um acréscimo de 22,4 milhões de euros em relação ao ano anterior.

O acréscimo teve lugar no âmbito das despesas de capital, tendo os montantes classificados nas despesas correntes e nas do Plano registado valores inferiores aos respetivos valores nominais do ano anterior.

No que respeita ao financiamento da conta da RAA verificou-se que a cobertura global decorreu do reforço da componente de empréstimos em relação às de arrecadação de recursos financeiros através das rubricas de receitas fiscais e de transferências.

Aplicações e Financiamento — Conta da RAA

	Montante (Milhões de Euros)				Estrutura %			
	2009	2010	2011	2012	2009	2010	2011	2012
RECEITAS (Corr.+Capital)	1 029,9	1 039,7	1 006,7	1 029,5	100,0	100,0	100,0	100,0
Receitas fiscais (Imp.+Tax.)	453,0	486,3	513,9	438,1	44,0	46,8	51,1	42,6
Transferências	467,7	468,0	462,3	444,7	45,4	45,0	45,9	43,2
Empréstimos	50,0	50,0	23,0	142,0	4,9	4,8	2,3	13,7
Outras	59,2	35,4	7,5	4,7	5,7	3,4	0,7	0,5
DESPEAS.....	1 029,5	1 039,2	1 006,4	1 028,8	100,0	100,0	100,0	100,0
Despesas Correntes	590,9	600,6	600,4	575,5	57,4	57,8	59,7	55,9
Despesas de Capital	1,7	1,0	0,9	128,0	0,2	0,1	0,1	12,4
Despesas do Plano	436,9	437,7	405,1	325,3	42,4	42,1	40,2	31,6

Fonte: Conta da R. A. A., DROT.

Despesas

Agregando ao total de 1 028,8 milhões de euros das despesas, referidas anteriormente, o montante de 262,1 milhões de euros de fluxos com contas de ordem extraorçamentais com caráter transitório e contabilístico, obtm-se um volume de cerca de 1 290 milhões de euros.

Apesar do decréscimo significativo, as despesas correntes continuaram a representar a componente mais volumosa da despesa mas, principalmente, voltaram a revelar em 2012 alteraces na sua composico.

Efetivamente, as despesas com pessoal voltaram a registar uma reduo significativa, deixando de representar a rubrica mais volumosa, enquanto as transferências no âmbito de funes sociais registaram uma evoluo com tendência inversa.

Despesas – Conta da RAA

Milhares de Euros

Despesas	2010	2011	2012
Despesas Correntes	600 552	600 419	575 455
Despesas com Pessoal.....	319 254	310 932	261 831
Aquisio de bens e Serviços correntes.....	16 992	16 167	15 125
Encargos correntes da dvida	8 945	12 981	15 291
Transferências correntes.....	243 448	248 547	272 773
Subsídios	0	0	0
Outras despesas correntes.....	11 913	11 791	10 435
Despesas de Capital.....	998	923	128 011
Aquisio de bens de capital.....	396	521	315
Ativos financeiros	0	0	0
Passivos financeiros (amortizaes)	0	0	127 314
Transferências de capital	0	0	0
Outras despesas de capital.....	602	402	382
Despesas do Plano.....	437 658	405 074	325 320
Contas de Ordem / Operaes extraorçamentais.....	259 375	249 634	262 116
Total.....	1 298 583	1 256 050	1 290 902

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

Receitas

Agregando ao valor de 1 029,5 milhões de euros de receitas, referido no quadro inicial o montante de 261,6 milhões de euros de fluxos de contas de ordem, obtém-se o montante total de 1 291,1 milhões de euros.

O reforço da componente de empréstimos para financiamento da conta da RAA traduziu-se no acréscimo das receitas de capital, através dos 141,98 milhões de euros inscritos na rubrica passivos financeiros.

As transferências e, principalmente, a arrecadação de impostos no âmbito das receitas correntes registaram reduções significativas. As rubricas de impostos diretos e indiretos decresceram em 2012, respetivamente, 16,4% e 14,0%.

Receitas – Conta da RAA

Milhares de Euros

Receitas	2010	2011	2012
Receitas Correntes	638 778	664 275	580 106
Impostos diretos.....	180 714	192 074	160 599
Impostos indiretos.....	293 987	309 750	266 284
Contribuições Segurança Social	4 442	4 774	3 738
Taxas, multas, outras penalidades	7 131	7 329	7 502
Rendimentos de propriedade	2 083	2 613	1 979
Transferências	149 334	145 886	138 974
Outras receitas	1 087	1 850	1 030
Receitas de Capital.....	399 007	339 885	448 204
Venda de bens de investimento.....	30 058	349	89
Transferências	318 662	316 388	305 697
Ativos financeiros	284	71	52
Passivos financeiros.....	50 000	23 000	141 980
Outras receitas de capital.....	3	78	386
Outras receitas/ Reposições não abatidas nos pagamentos.....	1 888	2 080	880
Saldo da gerência anterior.....	360	464	289
Contas de Ordem/ Operações extraorçamentais..	257 009	249 317	261 646
Total da Receita	1 296 682	1 256 021	1 291 125

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

Saldos

Durante o exercício de 2012, o saldo corrente voltou a cobrir o déficit no saldo de capital, gerando um excedente de 0,7 milhões de euros como saldo global.

Considerando os encargos com juros da dvida, no mesmo exercício de 2012, deduz-se um saldo primário na ordem de 16,0 milhões de euros.

Saldos – Conta da RAA

Milhões de Euros

	2010	2011	2012
Saldo Corrente	38,2	63,9	4,7
Saldo de Capital	-37,8	-63,6	-4,0
Saldo Global	0,5	0,3	0,7
Saldo Primário	9,4	13,3	16,0

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

Dvida Pública Direta

Para garantir o financiamento da conta da RAA a dvida pública cresceu de 397,6 milhões de euros em 2011 para 412,6 milhões de euros em 2012.

Aos juros e outros encargos correntes com o serviço da dvida foram agregadas amortizações no montante de 127,3 milhões de euros.

Dvida Pública Regional

Mil Euros

	2010	2011	2012
Dvida Pública Direta	374 614	397 614	412 280
Serviço da Dvida	8 945	12 981	142 605
Juros e outros encargos	8 945	12 981	15 291
Amortizações	0	0	127 314

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

6. AGRICULTURA

Entre as principais culturas temporárias, o milho forrageiro para alimento de animais evidencia-se pela expressão que atinge na agricultura açoriana, quer pela superfície que abrange, quer pela produção que regista em volume.

A produção de beterraba associada aos respetivos processos de transformação industrial continuou a destacar-se pela expansão registada em 2012. Neste ano registou-se um aumento de produtividade significativo, permitindo um acréscimo de produção para além do acréscimo proporcionado pelo aumento da área cultivada.

No que respeita a outras produções de representatividade mais restrita, nomeadamente entre culturas permanentes, o ano agrícola não terá sido favorável, já que registaram quebras em termos de colheitas medidas em toneladas.

Produção das Principais Culturas, R.A.A.

	Superfície			Produção		
	2010	2011	2012	2010	2011	2012
Batata.....	612	623	584	10 220	9 172	8 685
Batata doce.....	52	52	54	983	1 170	1 075
Beterraba Sacarina.....	162	321	371	4 163	7 955	18 894
Milho Grão.....	250	247	239	675	587	451
Milho forrageiro.....	8 559	8 851	7 824	300 713	198 322	267 373
Tabaco.....	27	24	31	67	50	83
Chá.....	37	37	37	109	109	95

Fonte: INE.

A produção de vinhos açorianos somou um volume de 4,97 hectolitros, no ano de 2012.

Desta produção total, 4,1 mil hectolitros pertencem à categoria de vinhos tintos e rosados, representando cerca de 80% da colheita regional vinícola.

Produo de vinhos, R.A.A. - 2012

Unidade: hl

	Branco	Tinto*	Total
Licoroso com DOP	578	1	579
DOP - Denominao de Origem Protegida.....	28	0	28
IGP - Identificao Geográfica Protegida.....	187	438	625
Com Indicao de Casta	0	0	0
Sem Indicao de Casta	68	3 679	3 747
Total	861	4 118	4 979

* Pode incluir vinhos tipo rosado.

Fonte: INE.

Em 2012, o leite recebido nas diversas fábricas açorianas atingiu um volume total de 565,95 milhões de litros, representando um crescimento  taxa média de 3,4%, em relao ao ano anterior.

O volume de leite para consumo de 118,1 milhões de litros também representa um acréscimo no mesmo período, traduzindo-se também numa taxa média de 3,4%.

Em termos de produtos lácteos transformados, as variaoes mdias anuais tero correspondido a um processo de valorizao do produto, tendo aumentado significativamente a produo de queijo, enquanto a produo sucedânea de leite em p decresceu.

Produo e Transformao de Leite

	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Leite recebido nas fábricas (1000 lt.)	505 872	506 216	515 728	540 199	535 417	547 576	565 951
Leite p/consumo (1000 lt)	78 137	89 862	84 069	99 410	99 105	114 240	118 128
Produtos lácteos (ton.s).....	49 948	50 500	53 416	53 991	53 827	53 816	56 218
Manteiga.....	7 489	7 127	8 300	8 636	8 070	8 764	9 869
Queijo.....	26 296	28 697	29 105	28 948	28 354	28 958	30 292
Leite em P	15 859	14 324	15 692	16 102	17 067	15 789	15 687
logurtes	304	352	316	305	336	306	371

Fonte: SREA.

Em 2012, a produo de 26,8 mil toneladas de carne representa um decréscimo de 4,4% em relao ao ano anterior, no entanto registou-se aumento na produo de carne de suíno em relao aos três últimos anos.

Assinale-se, ainda, que a carne de bovino abatido nos matadouros registou novo acréscimo, enquanto o volume de gado bovino exportado vivo voltou a decrescer.

Produo de Carne

	Ton							
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Gado bovino abatido.....	8 147	8 124	8 262	10 448	11 565	11 645	12 530	12 624
Gado bovino exportado vivo	12 222	11 740	9 631	8 436	5 511	5 200	5 077	4 266
Subtotal	20 368	19 864	17 893	18 884	17 076	16 845	17 607	16 890
Gado suíno abatido.....	5 688	4 611	5 146	5 706	4 655	4 827	5 136	5 492
Aves (abate)	3 720	3 964	4 195	4 230	4 304	4 546	4 590	4 453
Total	29 776	28 439	27 234	28 820	26 035	26 188	27 334	26 834

Fonte: SREA.

Os dados do último Recenseamento Agrícola, para o ano de 2009, voltam a apontar no sentido de um redimensionamento das unidades empresariais agrícolas, na medida em que revelam acréscimos de área média (ha / n de explorao), de mecanizao (densidade de tratores por área ou por explorao) e, por outro lado, reduo dos recursos humanos envolvidos (produtores e populao agrícola familiar).

Estruturas e Recursos Gerais

Classes	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)	Variaoes 1999-2005 (%)	
				Açores	Portugal
Exploraoes (n).....	13 541	305 266	4,4	-3,0	-2,7
SAU (ha)	120 412	3 668 145	3,3	-1	-5
Tratores (n).....	3 750	184 471	2,0	4,4	15
Produtores agrícolas singulares (n)	13 360	297 381	4,5	-30	-27
Populao agrícola familiar (n)	42 481	793 169	5,4	-38	-36

Fonte: INE, Recenseamento Agrícola 2009.

Considerando o conceito de orientao técnico-econmica a partir da relao entre as diferentes margens brutas de explorao das atividades

desenvolvidas por uma mesma unidade empresarial, 11 328 exploraes agrícolas foram classificadas como especializadas, já que dois terços da margem bruta global derivaram apenas de uma atividade, e 2 213 foram classificadas como indiferenciadas/combinadas.

Observando as mesmas exploraes, mas agora segundo o tipo de cultivo, as orientadas para bovinos mantm um predomínio no contexto regional e uma representatividade significativa no sector a nível nacional.

Exploraes

Unidade: n

Classes	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Exploraes	13 541	305 266	4,4
Segundo o grau de especializao			
Especializadas	11 328	203 440	5,6
Indiferenciadas/combinadas	2 213	101 826	2,2
Segundo o tipo de cultivo			
Viticultura.....	481	36 474	1,3
Fruticultura.....	1 225	26 844	4,6
Bovinos leite	2 816	8 123	34,7
Bovinos para gado/carne.....	3 539	16 135	21,9
Policultura.....	783	31 577	2,3
Diversos	4 747	186 113	2,6

Fonte: INE, Recenseamento Agrícola 2009.

A populao agrícola familiar era formada por 42 481 pessoas, caracterizando-se no contexto português pela sua relativa juventude e nível de instruo intermédio. Efetivamente,  nos elementos de grupos etários com menos de 45 anos e nos de habilitaes do 2 ciclo ao secundário que se encontram representatividades superiores  média geral de 5,4% para a populao agrícola familiar.

Populao Agrícola

Unidade: n

Classes	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Populao residente.....	245 374	10 637 715	2,3
Populao agrícola familiar	42 481	793 169	5,4
Segundo as classes etárias			
< 35	16 334	182 572	8,6
35 a >45 anos	5 561	78 124	7,1
45 a <65.....	13 771	270 140	5,1
>=65	6 815	262 333	2,6
Segundo nível de instruo			
1 Ciclo.....	15 883	314 001	5,1
2 e 3 Ciclos.....	14 263	184 626	7,8
Secundário	3 829	69 294	5,5
Superior	1 722	51 902	3,3
Outros*	6 685	173 336	3,9

- Contempla indivíduos abaixo de 10 anos.

Fonte: INE, Recenseamento Agrícola 2009.

Também no contexto português, as exploraoes açorianas, ao mesmo tempo que apresentam uma dimensão relativamente reduzida, têm uma intensidade de utilizao de volume de trabalho baixa, permitindo uma eficiência equilibrada na utilizao destes recursos básicos às atividades agrícolas. Assim, não surpreender a produtividade alcançada nos Açores, onde a orientao técnico-econmica pelos bovinos gerar significativas margens brutas de explorao, que contribuem para a elevao dos índices médios.

Indicadores Laborais

Classes	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Dimensão (Ha/Expl.).....	8,9	12,0	74,2
Volume de trabalho (UTA/Expl.).....	0,9	1,2	75,0
Eficiência (UTA/100 ha)	9,6	10,0	96,0
Produtividade (1 000 €/UTA)	30,4	12,6	241,3

Fonte: INE, Recenseamento Agrícola 2009.

7. PESCAS

Durante o ano de 2012, o valor dos descarregamentos na rede de portos de pesca da Região Autónoma dos Açores somaram um total de 37,3 milhões de euros, representando um decréscimo à taxa média de 3,6% em relação ao ano anterior.

A quantidade de peixe que foi descarregado no mesmo período também decresceu. De facto as 13,4 milhões de toneladas representam um decréscimo de 16,9%, no mesmo período.

Assim, constata-se que a um decréscimo do valor total correspondeu outro decréscimo, ainda mais intenso, no volume total descarregado. Consequentemente, o preço médio por unidade de volume cresceu, sendo de 2,79€/kg, enquanto no ano anterior fora de 2,41€/kg.

Pescado Descarregado nos Portos de Pesca

	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Volume (Tons)							
Total.....	11 860	15 883	11 528	9 441	18 944	16 092	13 366
Tunídeos.....	5 817	9 392	5 109	3 547	13 675	10 224	7 676
Restante Pescado.....	6 043	6 491	6 499	5 894	5 269	5 867	5 690
Valor (Mil Euros)							
Total.....	31 876	38 224	35 443	30 799	39 572	38 723	37 346
Tunídeos.....	3 463	6 254	5 798	5 659	16 469	15 035	16 016
Restante Pescado.....	28 413	31 970	29 645	25 140	23 104	23 689	21 329
Preço (Euro/Kg)							
Total.....	2,69	2,41	3,07	3,26	2,09	2,41	2,79
Tunídeos.....	0,60	0,67	1,13	1,60	1,20	1,47	2,09
Restante Pescado.....	4,70	4,93	4,62	4,27	4,38	4,04	3,75

Fonte: SREA.

Quando se observam as principais espécies descarregadas segundo os respetivos volumes, valores e preços verificam-se diferenças significativas consoante o critério de base adotado.

Alguns destacam-se pelo valor monetário bruto que atingem, como o caso dos 2,6 milhões de euros de cherne em 2012, representando uma quota de 12,3%.

Outras evidenciam maior representatividade pelo volume de pescado, como é o caso do chicharro que em 2012 registou 562 toneladas, representado 9,9% do total.

Finalmente, há ainda espécies que se situam num certo equilíbrio entre os casos limite de valor e de volume, onde o preço médio não se fica pelo mínimo de 2,4€/kg do chicharro, nem atinge o máximo de 13,4€/kg do goraz.

Principais Espécies Descarregadas, 2012

	Toneladas	Mil Euros	Euro/Kg
Abrótea.....	390	1 115	2,9
Boca Negra	190	884	4,6
Cherne	226	2 613	11,5
Chicharro.....	562	1 371	2,4
Goraz.....	188	2 521	13,4
Imperador.....	37	413	11,1
Lula.....	226	1 250	5,5
Mero	14	106	7,8
Pargo.....	83	713	8,6
Peixão.....	425	2 509	5,9

Fonte: SREA.

Em 2012, o volume de 13,4 mil toneladas e de 37,6 milhões de euros de pescado descarregado nos portos de pesca da RAA representaram no contexto do sector a nível do país, respetivamente, 8,8% e 13,4% do total.

Principais Categorias de Espécies Descarregadas, 2012

	Açores		Portugal		Açores/Portugal (%)	
	Tons	Mil euros	Tons	Mil euros	Tons	Euros
Peixes marinhos.....	13 096	36 014	133 582	208 619	9,8	17,3
Crustáceos.....	7	100	1 446	14 189	1,5	0,7
Moluscos.....	263	1 498	16 224	57 109	1,6	2,6
Água doce e outros.....	0	0	91	1 390	0,0	0,0
Total	13 366	37 612	151 343	281 307	8,8	13,4

Fonte: INE.

A frota de pesca açoriana, em 2012, dispunha de uma capacidade operacional que se traduzia em 679 embarcaes licenciadas, com uma arqueao bruta de 8 908 unidades padrão e com uma motorizao de 48,3 milhares de KW de potência instalada.

Embarcaes, 2012

	Açores	Portugal	Açores / Portugal (%)
Número	679	4 653	14,6
Arqueao bruta	8 908	84 445	10,5
Potência (Kw)	48 334	306 039	15,8

Fonte: INE.

Na diversidade de licenças concedidas para pesca em 2012, as destinadas  utilizao da arte de anzol continuaram a registar um predomínio evidente, registando-se um número de 1 580 licenças num total de 2 893.

Licenças por Arte de Pesca, 2012

	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Anzol	1 580	11 400	13,9
Armadilhas.....	469	3 157	14,9
Arrasto	5	870	0,6
Cerco.....	94	305	30,8
Redes.....	745	6 771	11,0
Outras artes	0	425	0,0
Total.....	2 893	22 928	12,6

Fonte: INE.

O número de pescadores ativos atingiu um total de 2 948 matrículas em 2012, representando 19,7% do total dos profissionais na mesma área a nível do país.

Pescadores, 2012

	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Local	2 029	7 043	28,8
Costeiro.....	919	7 492	12,3
Largo	0	398	0,0
Total	2 948	14 933	19,7

Fonte: INE.

O desempenho dos pescadores foi restringido em 1 821 dias por incapacidade operacional em 2012.

No mesmo ano, a sinistralidade registou 54 casos de feridos nas artes da pesca.

Sinistralidade e Dias de Incapacidade, 2012

	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Mortos.....	0	9	0,0
Feridos	54	1 088	5,0
Dias de incapacidade	1 821	36 576	5,0

Fonte: INE.

8. ENERGIA

Eletricidade

O sistema electroprodutor regional gerou um volume de 804,6 GWh, durante o ano de 2012, representando um decréscimo de 4,2% em relação ao ano anterior.

Por outro lado, a procura por parte das famílias, das empresas e agentes públicos traduziu-se num consumo total de 731,3 GWh, o que representa um decréscimo de 5,1% naquele mesmo período.

As perdas de energia ao longo das redes e sistemas de distribuição, mais concretamente entre a produção nos centros geradores e o consumo pelos utilizadores finais, somaram 73,3 GWh, enquanto no ano anterior tinham somado 69,3 GWh.

Eletricidade – Balanço

	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Produção.....	780,7	804,9	823,7	829,1	849,8	840,0	804,6
Perdas	77,5	76,6	70,0	72,4	71,2	69,2	73,3
Consumo	703,2	728,3	753,7	756,7	778,6	770,8	731,3

Fonte: EDA.

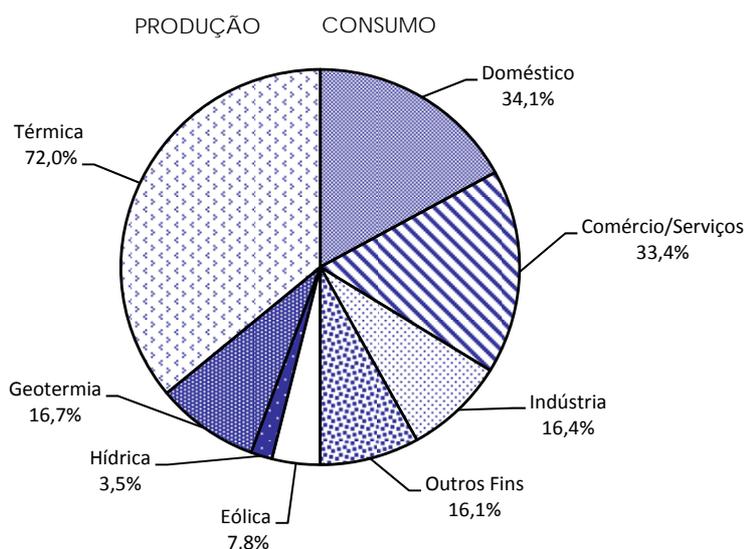
A redução da procura abrangeu os diversos tipos de utilizadores finais, mas foi relativamente mais intensa no consumo doméstico e no da indústria, do que nos segmentos de comércio/serviços e de outros fins, onde se inclui a iluminação pública.

O consumo doméstico, apesar do decréscimo relativamente mais intenso, continuou como o segmento mais representativo, correspondendo a 34,1% da procura total.

Na ótica da produção a atividade das unidades geradoras de energia térmica continuou sendo estruturalmente dominante. A sua produção atingiu um volume na ordem de 72% do total.

Aliás, crescimento mais expressivo ocorreu no sector mais incipiente da energia eólica.

Estrutura da Produção e Consumo de Eletricidade – 2012



Na distribuição de indicadores segundo as diversas ilhas permanece de forma evidente a diferença estrutural relativa a aspetos de dimensão.

Todavia, nalgumas ilhas observou-se um reforço da produção renovável no âmbito dos respetivos sistemas electroprodutores, como os exemplos de Santa Maria e Terceira em 2012.

Distribuição por Ilhas - 2012

	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR	RAA
Produção total (GWh)	20,7	420,9	212,3	13,6	30,0	45,5	50,0	11,3	1,4	804,6
Produção renovável (%) ...	9,1	42,5	14,9	10,6	4,8	10,7	3,4	35,9	0,0	28,0
Consumidores (nº de instalações)	3 703	62 170	27 188	3 242	5 773	9 305	7 889	2 402	271	121 943
Consumo médio (MWh / nº instalações).....	5,0	6,3	7,0	3,8	4,7	4,4	5,6	4,3	4,4	6,0

Fonte: EDA.

Balanço Energético

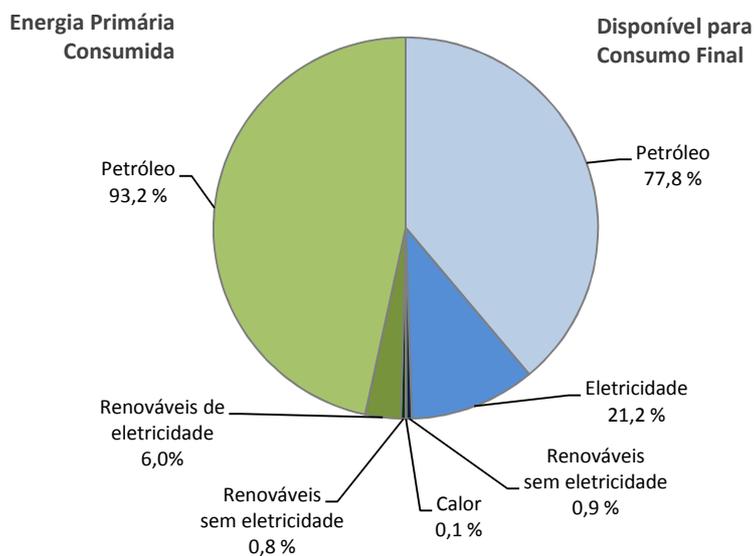
O volume de energia primária consumida na Região Autónoma dos Açores, durante o ano de 2011 e calculada pela DGEC – Direo Geral de Energia e Geologia, registou um total de 399,7 mil teps.

Deste total, 93,2% eram constituídos por combustíveis fósseis (petróleo e derivados), 6,0% por diversas fontes de energia de produo doméstica renovável de eletricidade (eólica, hidro e geotérmica) e 0,8% de formas renováveis de consumo mais direto (solar, lenhas, resíduos vegetais).

Considerando a incorporao do sistema electroprodutor, verifica-se que a energia oferecida para consumo final na forma de eletricidade alarga a sua representatividade, passando a ocupar uma quota de 21,2% do total.

Atendendo a este facto e, também, de forma menos expressiva mas efetiva,  introduo e progressão de energias renováveis disponíveis para consumo final, os combustíveis fósseis representaram uma quota que ainda  dominante, com 77,8% do total, mas integrando-se numa linha tendencial de reduo de representatividade.

Balanço Energético – Oferta - 2011



Agora, do lado da procura final verificou-se que o sector de transportes, com uma quota de 46,3%, absorveu a proporção mais significativa de energia, reforçando-a aliás, em relação a anos anteriores e continuando a basear-se na fonte energética de petróleo (100%). Este tipo de combustível também continuou a ser o principal abastecedor de energia para sectores de produção de bens como os das indústrias, construção, agricultura e pescas.

O consumo doméstico situou-se em 14,8% do total, evidenciando-se pela maior distribuição entre as diversas fontes de energia. Efetivamente, além das energias renováveis consumidas através do processo electroprodutor (eólicas, hidro e geotérmica), as outras renováveis de consumo mais direto vão sendo adotadas pelo setor doméstico, tendo atingido 5,8% do total consumido.

O consumo de energia pelos setores de serviços representou 12,4% do total, recorrendo a eletricidade como principal fonte (82,3%), sem diversificar para outras fontes.

Balanço Energético – Procura

Consumo Final de Energia

Unidade: %

Quota de Procura	Sectores	Distribuição por fontes			
		Petróleo	Eletricidade	Outras*	Total Geral
46,3	Transportes	100,0	0,0	0,0	100,0
14,8	Doméstico	44,8	49,9	5,8	100,0
12,4	Serviços	17,7	82,3	0,0	100,0
9,4	Indústrias	68,3	30,0	1,7	100,0
8,1	Construção e O.P.	96,1	3,9	0,0	100,0
6,7	Agricultura	94,5	5,4	0,1	100,0
2,3	Pescas	96,1	3,9	0,0	100,0
100,0	Total	77,8	21,2	1,0	100,0

*Renováveis sem eletricidade (solar, lenhas, ...) e Calor.

Fonte: Direcção Geral de Energia e Geologia.

9. COMÉRCIO COM O ESTRANGEIRO

As atividades comerciais da RAA funcionam em relação ao exterior segundo aspetos de complementaridade entre circuitos comerciais organizados no âmbito da economia portuguesa e trocas de bens mais específicos com agentes económicos nalguns países estrangeiros.

Quando se observam os dados estatísticos obtidos pelo INE sobre o comércio de empresas com o estrangeiro, verifica-se que os volumes de negócios (exportações + importações) têm vindo a confirmar uma certa progressão em valores globais.

A cobertura dos valores das importações pelos das exportações revelam uma certa variabilidade, que dificulta a deteção de uma linha de evolução. Todavia, a tendência possível a um prazo mais longo aponta num sentido de crescimento. No ano de 2007 estimou-se uma cobertura de 41,3% e para 2012 de 83%.

Comércio Internacional de Mercadorias

1 000 Euros

	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Importações	102 890	96 411	127 605	150 049	105 813	132 145
Exportações	42 484	61 108	77 856	75 017	117 827	109 675
Total	145 374	157 519	205 461	225 066	223 640	241 820
Taxa de Cobertura (%)	41,3	63,4	61,0	50,0	111,35	83,0

Fonte: INE, Estatísticas do Comércio Internacional, 18.Outubro.2013

Observando os dados segundo as grandes categorias de bens transacionados constata-se a importância de produtos alimentares e bebidas pela representatividade comercial e por resultado económico. Efetivamente, nesta categoria, o volume de negócios situa-se na casa de dezenas de milhões de euros ao mesmo tempo que gera saldos comerciais positivos com alguma frequência.

A categoria de combustíveis, que também é geradora de saldos comerciais positivos, está associada a meios de transporte estrangeiro que são abastecidos por empresas na RAA.

Bens classificados em categorias de equipamentos industriais e de meios de transporte correspondem, grosso modo, a operaes de investimento.

Comércio Internacional, grandes categorias

1 000 Euros

	Importaes			Exportaes		
	2010	2011	2012	2010	2011	2012
Produtos Alimentares e Bebidas	32 515	48 319	57 914	50 207	73 810	85 954
Fornecimentos Industriais - Não Especificados Noutras Categorias	32 700	44 995	49 533	150	821	814
Combustíveis	180	193	383	13 522	35 849	8 796
Máquinas, Outros Bens de Capital (Exceto Material de Transporte)	11 967	13 428	13 925	7 554	2 512	10 434
Material de Transporte	67 817	4 837	4 731	1 801	4 345	2 792
Bens de Consumo Não Especificados Noutras Categorias	4 869	6 493	5 659	247	293	587
Outros Produtos	0	9	0	1 537	231	298

Fonte: INE/SREA, Anuário Estatístico

A distribuio segundo zonas econmicas e países deixa transparecer aspetos de estruturao mais significativa ou, então, de funo mais incipiente e variável.

As trocas comerciais mais representativas pelo volume e pelas tipologias de bens segundo grandes categorias econmicas concretizam-se com agentes residentes em países da EU.

Trocas comerciais mais recentes e a ganhar expressão com saldos positivos parecem integrar-se numa lógica de maior abertura com PALOP(s).

Comércio Internacional por Zonas e Países

1 000 Euros

	Entradas/Importaes			Saídas/Exportaes		
	2010	2011	2012	2010	2011	2012
União Europeia	47 224	86 618	91 823	43 193	60 225	64 860
EUA	12 165	14 781	8 791	2 975	4 605	4 229
Canadá	65 062	723	2 419	3 747	5 257	3 899
Brasil	5 213	21	76	301	292	517
PALOP (s)	0	75	0	4 171	7 637	18 169
Outros	20 385	16 056	29 036	20 630	39 845	18 001

Fonte: INE/SREA.

10. TURISMO

Durante o ano de 2012, a procura turística nos diversos tipos de alojamento de hotelaria inquiridos pelo Serviço Regional de Estatística dos Açores somou o total de 1,08 milhões de dormidas, correspondendo a um decréscimo de 6,3% em relação ao ano anterior.

Por sua vez, a capacidade média de oferta mensal de 9 688 camas também se reduziu, mas a um ritmo inferior. A taxa média de variação anual traduziu-se em -1,3%.

Desta forma a combinação entre procura e oferta refletiu um nível de ocupação relativamente menor, traduzindo-se a respetiva taxa em 30,5%, enquanto no ano anterior fora de 32%.

Oferta e Procura Turísticas na Hotelaria

Ano	Capacidade (1)				Dormidas			
	Hotelaria Tradicional	Turismo em espaço rural	Outros (2)	Total	Hotelaria Tradicional	Turismo em espaço rural	Outros (2)	Total
2006	8 211	350	555	9 116	1 179 371	19 755	24 543	1 223 669
2007	8 153	609	735	9 497	1 184 375	19 679	87 018	1 291 072
2008	8 339	721	615	9 676	1 127 513	18 541	81 423	1 227 477
2009	8 566	820	543	9 927	1 004 804	20 603	82 723	1 108 130
2010	8 305	844	546	9 695	1 035 031	24 831	91 671	1 151 533
2011	8 465	822	524	9 812	1 033 525	23 049	93 875	1 150 449
2012	8 368	845	475	9 688	954 740	28 883	93 797	1 077 420

(1) Média anual da oferta mensal de camas.

(2) Casas de hóspedes, Colónias de férias / Pousadas da Juventude, Parques de campismo e Alojamentos particulares.

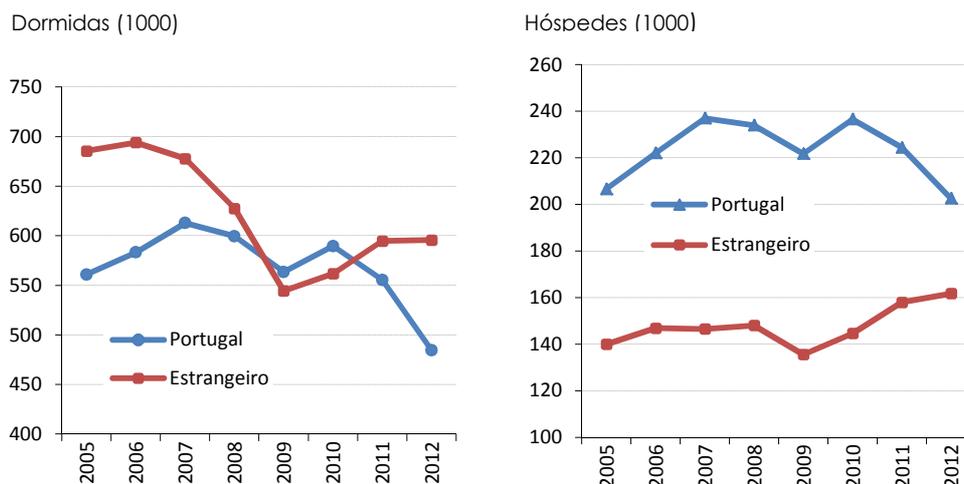
Fonte: SREA, Estatísticas do Turismo.

Em 2012, o decréscimo total das dormidas decorreu a partir do sector de mercado de residentes em Portugal, já que o de residentes no estrangeiro se pode considerar que esteve estabilizado. Efetivamente, aquele registou uma taxa de -13,3%, enquanto o segundo se situou a uma taxa de +0,1%, no mesmo período.

As dormidas de residentes no estrangeiro atingiram uma quota de 55% do total em 2012, porque o número de dias de estada maior compensa o facto de representarem menos que 45% do número de hóspedes.

Procura – Principais Mercados

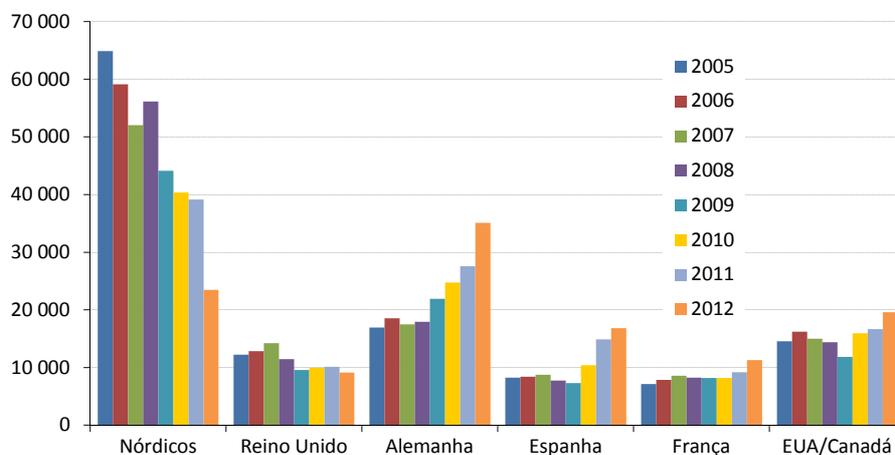
Hóspedes (milhares) e estadias (dormidas/hóspede), segundo a residência / nacionalidade



Em termos globais o mercado de residentes no estrangeiro mostrou uma relativa estabilidade. Todavia observam-se tendências de crescimento variáveis entre os diversos países.

O gráfico abaixo evidencia a tendência decrescente dos mercados nórdicos, em contraste com os acréscimos no número de hóspedes residentes na Alemanha e em Espanha, particularmente nos últimos três a quatro anos.

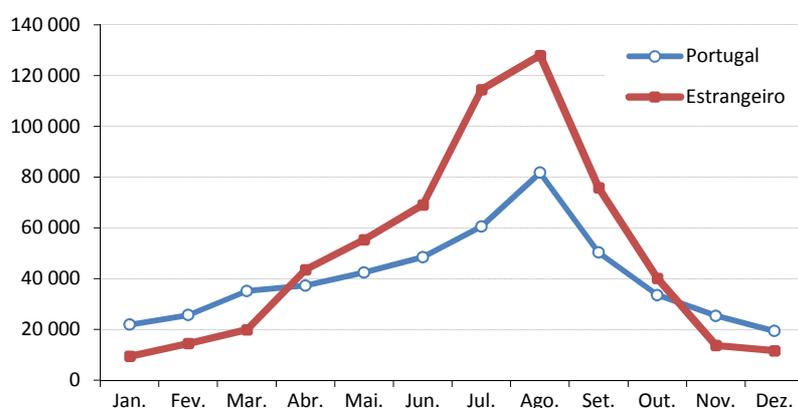
Hóspedes Estrangeiros



A distribuico intra-anual mostra uma sazonalidade mais elevada por parte dos residentes no estrangeiro.

O gráfico abaixo mostra os picos de procura onde o número de dormidas por parte de residentes no estrangeiro  nitidamente maior do que o de dormidas de residentes em Portugal, passando-se a posio inversa nos extremos inferiores da época baixa.

Sazonalidade
Distribuico intra-anual das dormidas, em 2012



No ano de 2012, o total das receitas de explorao de 43,4 milhões de euros voltou a representar uma reduo nominal  taxa de 9,9%.

Para esta reduo, além do decréscimo da procura (de dormidas ou de hóspedes) referida inicialmente, contribuiu uma desvalorizao das diárias nos estabelecimentos hoteleiros, através do decréscimo médio dos respetivos preços.

Explorao das unidades hoteleiras

Receitas e Despesas

Unidade: 1 000 euros

Anos	Receitas totais	Receitas de aposentos	Despesas com pessoal
2006	55 954,4	38 780,4	19 829,1
2007	56 808,6	39 854,4	19 087,6
2008	56 266,0	39 639,0	20 206,0
2009	50 578,2	36 621,5	20 349,1
2010	50 389,2	36 772,9	18 137,0
2011	48 242,9	35 104,9	19 028,8
2012	43 445,1	31 821,3	17 143,8

Fonte: SREA, Estatísticas do Turismo.

Comparando diversos tipos de estabelecimentos de hotelaria em termos genéricos, verifica-se que a maior capacidade em termos de atendimento e de alojamento da hotelaria tradicional permite gerir recursos e atrair procura em lógicas de economia de escala.

Entretanto margens em termos de proveitos são maximizadas por tipos de serviços oferecidos no turismo em espaço rural.

Dados de síntese e estruturas
Distribuição de variáveis em 2012

Variáveis	Hotelaria Tradicional	Turismo em Espaço Rural	Casas de Hóspedes	Total
Estabelecimentos	45,3	39,1	15,6	100
Capacidade de alojamento....	88,7	6,6	4,6	100
Pessoal ao serviço	92,5	5,4	2,1	100
Hóspedes	96,6	2,1	1,3	100
Dormidas (total)	95,2	2,9	1,9	100
Dormidas (resid. estrangeiro)....	95,0	3,9	1,1	100
Dormidas (época baixa *)	96,2	1,2	2,5	100
Proveitos totais	96,7	2,4	0,9	100
Proveitos de aposento.....	95,5	3,3	1,2	100
Despesas com pessoal	97,9	1,7	0,4	100

* Para efeitos de cálculo considerou-se a agregação do 1º com o 4º trimestre.

11. TRANSPORTES

Os tráfegos nos transportes coletivos terrestres (interurbanos e urbanos) somaram um total de 8,8 milhões de viagens efetuadas pelos respetivos passageiros em 2012.

Este volume de viagens representa um acréscimo de 5,9% em relao ao ano anterior.

O acréscimo de viagens verificou-se em ambos os segmentos, mas foi mais intenso nos urbanos.

Nos interurbanos os acréscimos que se verificaram foram mais frequentes em percursos de maior proximidade.

Tráfego de Passageiros nos Transportes Coletivos Terrestres

Carreiras		2009	2010	2011	2012
Interurbana	Passageiros.....	7 329 742	7 301 564	7 283 462	7 413 970
	Passageiros/km....	91 627 023	94 039 841	82 029 194	81 468 079
Urbana	Passageiros.....	1 000 639	1 001 820	997 557	1 354 703
	Passageiros/km	6 258 470	6 217 810	6 142 847	8 362 206

Fonte: SREA.

Durante o ano de 2012, o total de 916 milhões de movimentos de passageiros embarcados nas infraestruturas dos portos comerciais açorianos representa um decréscimo de 5,7% em relao ao ano anterior.

Por sua vez, o tráfego de 331 milhões de passageiros no canal entre a Horta e a Madalena, equivalente a 662 mil movimentos de embarques mais desembarques nas respetivas infraestruturas portuárias, representou um decréscimo de 5,3 % naquele mesmo período.

Movimento de Passageiros nos Portos Comerciais

	2009	2010	2011	2012
Total*	957 182	961 842	972 298	916 954
Canal Horta – Madalena.....	678 266	665 888	708 348	661 714

* Rede de portos comerciais, sem incluir os movimentos no canal Horta-Madalena.

Fonte: SREA.

O volume de passageiros movimentados nos aeroportos do arquipélago estrutura-se em grandes segmentos de tráfego, conforme respetivas origens e destinos: inter-ilhas e com o exterior, assumindo neste caso a maior representatividade com outros aeroportos portugueses, isto é, no tráfego territorial.

Durante o ano de 2012, o total de 1,71 milhões de movimentos de passageiros nos aeroportos representou um decréscimo em relação ao ano anterior.

O decréscimo foi observável nos diversos segmentos de tráfego, mas atingiu de forma mais expressiva o territorial.

Movimento de Passageiros nos Aeroportos, segundo o tipo de tráfego

Passageiros Embarcados + Desembarcados

	Inter-ilhas	Territorial	Internacional	Total
2007	851 401	718 860	228 117	1 798 378
2008	856 017	708 221	216 954	1 781 192
2009	840 969	701 309	191 645	1 733 923
2010	847 623	709 939	198 518	1 756 080
2011	878 600	695 679	217 990	1 792 269
2012	847 769	652 318	209 407	1 709 494

Fonte: SREA.

O volume de cargas movimentadas nas infraestruturas dos portos comerciais somou um total de 2,3 milhões de toneladas em 2012, o que representa um decréscimo de 18,6%.

Este decréscimo atingiu ambos os fluxos de entradas e saídas de cargas, mas foi mais intenso nos de entradas (descarregamentos).

Também no ano de 2012, as 8,7 mil toneladas de cargas movimentadas nos aeroportos voltaram a registar um decréscimo em relação ao ano anterior. Note-se que estes registos mais recentes de movimentos de cargas por via aérea continuam, aparentemente, a integrar-se numa linha de tendência dos últimos anos, ocorrendo de forma evidente no tráfego territorial.

O tráfego internacional é o menos representativo em termos de volume, mas é o único que tem mantido um nível de saídas de cargas embarcadas superior às entradas de cargas desembarcadas.

Cargas Movimentadas

	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Aeroportos	11,3	11,7	10,6	9,7	9,7	8,6
Portos	3 050,1	2 905,4	2 780,9	2 814,3	2 846,1	2 317,6
Total	3 061,4	2 917,1	2 791,5	2 824,0	2 855,8	2 326,2

1000 Ton.

Fonte: SREA.

Durante o ano de 2012, o número de 1 967 veículos automóveis novos vendidos representou um decréscimo  taxa média de -40,5%.

Este tipo de variao anual envolveu o segmento de ligeiros e, também, o de comerciais.

Automóveis Novos Vendidos, por Tipo e por Ano

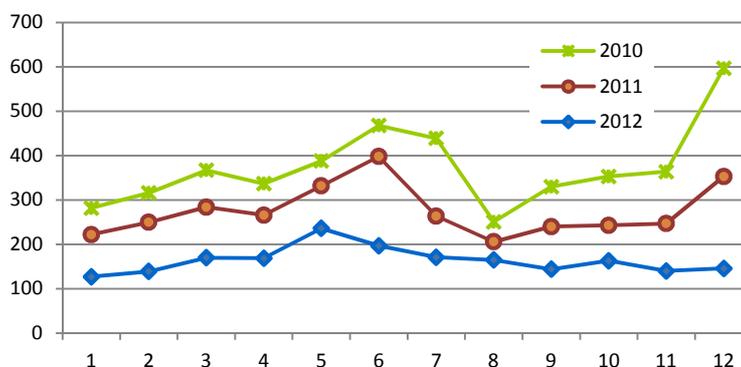
	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Total	4 392	4 641	3 452	4 492	3 305	1 967
Automóveis Ligeiros	3 249	3 669	2 710	3 587	2 553	1 614
Passageiros	3 238	3 660	2 694	3 480	2 547	1 608
Mistos	11	9	16	107	6	6
Automóveis Comerciais.....	1 143	972	742	905	752	353

Fonte: SREA, Séries Estatísticas e Boletim Trimestral de Estatística.

A distribuo das vendas ao longo dos meses de 2012 afastou-se do padrão dos anos anteriores.

Efetivamente não se observou uma progressão nítida ao longo do 1 trimestre e, principalmente, não registou picos de vendas nos meses de verão junho/julho, nem em dezembro.

Automóveis Novos Vendidos Mensalmente



Englobando tanto os veículos novos que entraram em circulação durante o ano de 2012, como os transitados do ano anterior, o número de contratos de cobertura de riscos de viação pelo Instituto de Seguros de Portugal correspondia a 130 152 veículos em circulação.

Observando os dados verifica-se a tendência de aumentar a quantidade de carros transitados com seguros de um ano para o outro.

Efetivamente, apesar de se venderem menos carros como vimos anteriormente, a quantidade de veículos com seguro para circulação vai aumentando.

O mesmo fenómeno é observável pela distribuição dos veículos segundo a idade. Enquanto se vai reduzindo o número de veículos nos escalões de menos idade, concomitantemente, vai-se aumentando o número de veículos nos escalões de idade mais elevada.

Parque Automóvel Seguro nos Açores, por classes de idade

	Número de veículos	Distribuição por idade (%)			
		Menos de 5 anos	Entre 5 e 10 anos	Mais de 10 anos	Total
2009	116 306	25,0	41,0	34,0	100
2010	127 651	23,9	37,4	38,7	100
2011	129 169	21,6	34,1	41,3	100
2012	130 152	18,7	32,5	48,8	100

Fonte: Instituto de Seguros de Portugal.

12. EDUCAÇÃO

O total de 49,6 milhares de matrículas nas escolas da Região Autónoma dos Açores, no ano letivo de 2011/12, representa um decréscimo na ordem de oito centenas de alunos em relação ao ano anterior.

O decréscimo ocorreu sobretudo nos ciclos escolares mais representativos do currículo regular e com frequência obrigatória, mas também se observaram situações comparáveis nos currículos alternativos.

Efetivamente, entre os currículos alternativos, apenas no caso do ensino profissional se registou um acréscimo. Aliás, este acréscimo corresponde a uma pequena variação que aparenta integrar-se numa linha de estabilização; depois de se ter expandido até um máximo de 2,8 milhares de alunos matriculados no ano letivo de 2005/06, o ensino profissional vem-se situando numa ordem de grandeza de 2,6 milhares de alunos.

De resto, o maior acréscimo, não só em termos absolutos como também em intensidade proporcional, registou-se no ensino secundário, o que é compatível ou mesmo expectável pelo alargamento da frequência escolar obrigatória.

Matrículas nas Escolas da Região, por Ano de Escolaridade

Ensino Oficial e Particular (a)

Anos Letivos	Currículo Regular						Currículos Alternativos				TOTAL
	Creche	JI	1.º Ciclo	2.º Ciclo	3.º Ciclo	Secundário	Ensino Recorrente	Programa Oportunidade	PROFIJ	Ensino Profissional	
2009/10	1.233	7.825	13.099	6.649	9.327	6.611	798	1.964	1.104	2.661	51.271
2010/11	1.242	7.758	12.591	6.579	9.221	6.550	662	2.086	1.186	2.572	50.447
2011/12	1.257	7.415	12.386	6.449	9.296	6.825	382	2.046	986	2.603	49.645

a) Os alunos do programa PEREE e UNECA estão integrados em turmas do ensino regular.

Fonte: Direção Regional da Educação.

Considerando os dados sobre as taxas de escolarização, por idades e anos letivos, verifica-se que a abrangência etária dos alunos continua a alargar-se para lá dos anos com escolaridade formalmente obrigatória.

Este alargamento revela uma intensidade mais expressiva nas idades situadas nos últimos escalões etários, nomeadamente a partir dos 16 anos, o que corresponderá basicamente aos anos do nível secundário do ensino oficial e particular.

As idades situadas nos primeiros escalões etários revelam progressões mais moderadas, senão mesmo reproduzindo um padrão com características de estabilidade.

Taxas de Escolarização por Idades e Anos Letivos

Ensino Oficial e Particular

IDADES	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12
3 anos.....	58,5	59,5	65,7	64,4	65,6
4 anos.....	82,0	86,2	88,5	88,7	89,2
5 anos.....	100,0	97,4	98,6	97,5	97,2
6 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
7 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
8 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
9 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
10 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
11 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
12 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
13 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
14 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
15 anos.....	97,8	99,5	100,0	100,0	97,8
16 anos.....	83,5	91,9	90,3	92,8	92,4
17 anos.....	68,3	72,1	78,0	78,5	79,6
18 anos.....	40,7	41,3	44,7	46,9	48,8
19 anos.....	24,8	25,3	26,0	24,9	26,7

Fonte: Direção Regional da Educação.

Em 2011/12, os níveis de aproveitamento ou sucesso escolar, medidos pelas comparações dos números que transitam de ano ou que concluem definitivamente um ciclo, com os totais de alunos inicialmente matriculados, registaram valores superiores nos anos de escolaridade mais elementares, atingindo valores na ordem de 70 a 80%. Já no 12º ano, o aproveitamento situou-se num patamar significativamente inferior, ficando abaixo de 60%.

Em termos de variação ao longo dos últimos anos, vêm-se registando valores numa linha de tendência decrescente que, aparentemente, está a atingir os diversos anos de escolaridade com intensidades comparáveis.

Aproveitamento Escolar, por Ano de Escolaridade (a)
Taxas de Transição ou de Conclusão
 Ensino Oficial e Particular – Currículo Regular

Ano de Escolaridade	09/10	10/11	11/12
4º	85,1	87,0	81,9
6º	89,0	87,9	83,6
9º	82,3	83,3	77,8
12º	66,2	60,2	57,7

a) Consideraram-se como representativos os anos terminais de cada ciclo do ensino básico e secundário.

Fonte: Direção Regional da Educação - Estatísticas da Educação.

As 40 unidades orgânicas do ensino oficial em 2011/12 encontravam-se distribuídas por ilhas segundo fatores territoriais, nomeadamente em termos de dimensão e de organização institucional.

No que respeita a equipamentos, os 180 edifícios existentes representaram um decréscimo em relação aos 204 do ano anterior, enquanto os 2 929 espaços escolares (salas, oficina, laboratórios, ginásios...) representaram um acréscimo em relação aos 2 608, também do ano anterior. Assim, a oferta média de espaços por estabelecimento aumentou fruto do encerramento de escolas do primeiro ciclo de pequena dimensão e da entrada em funcionamento de novas estruturas melhor dotadas para o exercício de competências formais de ensino e gestão integrada.

O número de 4 471 docentes representa um decréscimo em relação aos 4 979 do ano anterior, correlacionando-se com o facto do número de alunos também decrescer e verificando-se de forma extensível à generalidade das ilhas.

Distribuição por ilhas

Ensino Oficial – 2011/12

	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR	AÇORES
Unidades orgânicas	1	21	7	1	3	3	2	1	1	40
Edifícios Escolares	6	91	35	5	9	19	11	3	1	180
Espaços Escolares	77	1 551	710	72	113	171	165	58	12	2 929
Pessoal docente	125	2 528	968	80	180	279	224	81	17	4 471

Fonte: Direção Regional de Educação.

13. DESPORTO

Nas diversas modalidades desportivas organizadas através das respetivas federações, durante a época de 2011/2012, inscreveram-se 23 802 atletas, o que representa um aumento de 2,3% em relação ao ano anterior.

A par do volume de atletas, verificou-se um envolvimento de mais equipas, clubes e dirigentes, favorecendo um crescimento relativamente equilibrado das práticas desportivas em relação às correspondentes formas de organização e enquadramento.

Entretanto, nas formas de enquadramento mais associado à prática desportiva direta, arbitragem e equipas técnicas, observaram-se algumas reduções no número de agentes disponíveis. Assim, a estes elementos couberam mais responsabilidades em termos médios, traduzíveis em rácios de atletas por agente enquadrador mais expressivas.

Evolução Desportiva

	2008	2009	2010	2011	2012
Atletas	21 102	21 921	21 844	23 261	23 802
Técnicos	938	1 007	1 078	1 124	1 116
Árbitros / Juízes.....	1 062	1 089	1 067	1 049	1 028
Dirigentes / Outros Agentes.....	1 533	1 564	1 529	1 731	1 816
Clubes / Entidades (a).....	358	377	383	404	462
Equipas / Grupos Praticantes	1 222	1 282	1 229	1 184	1 226

a) Somatório obtido a partir das diversas modalidades implica dupla contagem, já que há algumas modalidades praticadas num mesmo clube.

As modalidades mais significativas, em termos de percentagem do volume total de atletas envolvidos, continuaram a ser as de futebol (19,9%), voleibol (12,2%), futsal (10,1%), basquetebol (6,9%) e atletismo (6,0%).

Todavia, entre estas modalidades, apenas a de futsal continuou a revelar um ritmo mais expansivo, mantendo nos últimos anos níveis de crescimento superiores à média.

Já nas modalidades menos representativas em termos de volume de atletas envolvidos, mas que vêm revelando uma certa regularidade de crescimento, destacaram-se a de canoagem e a de ciclismo.

Indicadores – Época de 2011/2012

Modalidades	Atletas	Técnicos	Árbitros/Juízes	Dirigentes/outros agentes	Clubes/Entidades	Equipas/Grupos Praticantes	Nº jogos provas locais	Nº Part. provas regionais	Nº Part. provas nacionais	Duração da Época	Conc.	Nº ações de formação agentes desp. não praticantes b)	Nº ações de formação agentes desportivos praticantes
Andebol	920	30	33	43	12	51	342	432	120	7	7	1	0
Atletismo	1.435	57	148	58	31	51	704	489	171	8	12	3	0
Automobilismo	259	0	0	0	4	0	0	0	0	0	4	0	0
Badminton	357	15	5	10	10	12	75	76	11	7	5	0	0
Basquetebol	1.636	80	94	80	21	110	942	512	342	8	7	15	0
Bowling	104	0	0	0	1	11	9	35	29	4	1	0	0
Bridge	41	0	0	0	1	3	104	0	20	11	1	0	0
Canoagem	149	12	13	5	7	1	78	90	3	6	6	0	0
Ciclismo	337	17	5	12	12	11	464	80	20	10	5	2	0
Columbofília	30	0	0	0	1	3	0	17	0	5	1	0	0
Dança Desportiva	79	6	0	0	3	0	34	0	34	5	1	4	0
Equitação	211	4	8	0	4	5	138	114	9	4	3	0	0
Esgrima	34	2	2	1	1	0	0	66	38	0	1	0	0
Futebol de 11	4.748	258	140	829	53	224	2.624	630	540	9	19	16	1
Futsal	2.403	134	77	318	56	161	2.011	473	198	9		15	
Ginástica Aeróbica	129	7	7	2	3	9	44	87	89	7	3	1	0
Ginástica Rítmica	77	5	9	6	59	4	59	26	16	5	1	1	0
Golfe	549	4	1	14	2	47	266	404	78	11	2	0	0
Hóquei em Patins	257	27	24	34	6	21	114	169	63	4	3	2	0
Jetski	52	1	0	0	2	2	40	96	21	6	2	0	0
Judo	1.006	50	86	44	15	57	131	210	226	5	7	9	0
Karaté	1.170	56	57	35	19	29	423	202	95	9	13	5	0
Kickboxing/Full-Contact	554	23	22	68	6	32	153	169	75	5	3	1	1
Motociclismo	64	0	0	2	3	4	0	190	6	0	3	0	0
Natação	682	28	55	11	7	44	204	320	93	9	4	3	0
Parapente	34	0	0	0	3	2	0	0	0	0	3	0	0
Patinagem Artística	251	13	24	4	7	10	45	38	44	8	3	1	0
Patinagem Velocidade	440	17	37	13	6	7	147	53	62	4	4	1	0
Pesca Desportiva	52	0	0	0	6	1	0	0	0	0	3	0	0
Pesca Desportiva Alto Mar	51	0	0	0	4	0	0	0	0	0	4	0	0
Surf	69	0	0	0	3	0	0	0	0	0	2	0	0
Ténis	615	20	8	24	5	46	126	297	297	6	4	1	0
Ténis de Mesa	1.087	52	42	35	20	62	646	185	180	6	6	3	0
Tiro com Armas de Caça	84	0	0	0	5	6	60	18	8	5	6	0	0
Tiro de Precisão	218	6	17	37	4	18	154	103	32	9	4	0	0
Tiro com Arco	18	0	0	0	2	0	62	0	0	9	2	0	0
Triatlo													
Vela	362	30	19	0	14	13	81	357	57	5	11	0	0
Voleibol	2.911	138	83	112	30	160	2.235	1.030	324	7	14	13	0
Voleibol de Praia	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Xadrez	325	24	12	19	14	9	54	239	83	7	9	0	0
TOTAL	23.802	1.116	1.028	1.816	(a)246	1.223	12.569	7.207	3.384			97	2

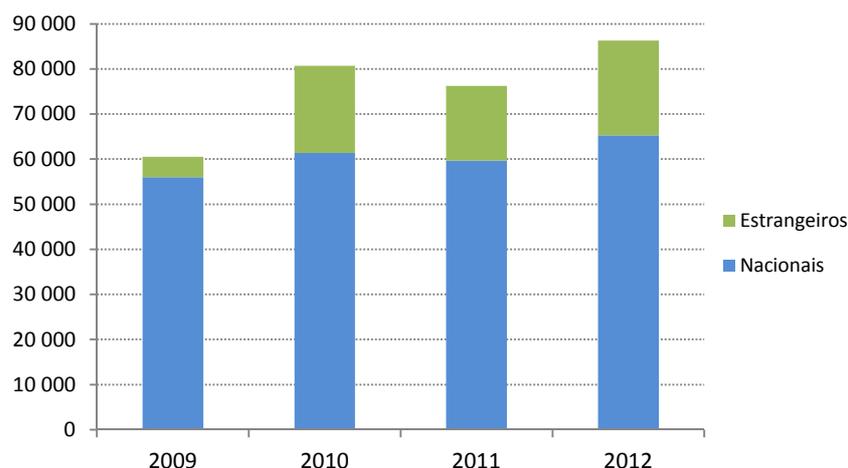
- a) Não corresponde ao somatório da coluna mas sim ao total de clubes existentes, já que muitos desenvolvem mais de uma modalidade.
 b) Ações de carácter formal destinadas a treinadores, árbitros e outros agentes desportivos não praticantes exceto dirigentes.

14. CULTURA

A rede regional de museus da Região Autónoma dos Açores registou um total de visitas na ordem de 86 milhares durante o ano de 2012, o que representa um crescimento de 13,2% em relao ao ano anterior.

O crescimento foi mais intenso por parte da procura de visitantes estrangeiros. Todavia, a procura por parte de visitantes nacionais também cresceu significativamente e reforçou o seu nível absoluto, atingindo um volume na ordem de 65 milhares.

Visitantes aos Museus,
Segundo a nacionalidade



A distribuico dos visitantes segundo os diversos tipos de modalidades de entradas e de públicos diferenciados continuou com elevada representatividade nos casos de extensão cultural e de visitas de estudo, às quais se acrescentam outras entradas isentas, como as acessíveis aos diversos cidadãos nos domingos e dias feriados.

As entradas pagas continuaram a representar cerca de 40% do total, onde a maior componente  formada pela modalidade normal, mas também são significativas outras componentes como a de reformados e a de visitantes em grupos.

Em 2012, as bibliotecas públicas e arquivos regionais registaram a frequência de 111 138 utilizadores que requisitaram para leitura ou consulta 116 402 documentos.

Sendo o número de documentos ligeiramente superior ao de utilizadores, conclui-se que a situação mais frequente, e praticamente a geral, foi a de cada utilizador aceder apenas em média a um documento.

Bibliotecas e arquivos Públicos Regionais - 2012

Utilizadores e documentos consultados

Organismo	Utilizadores	Documentos
Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo.....	30.319	28.528
Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.....	54.919	71.034
Biblioteca Pública e Arquivo Regional João José da Graça – Horta	25.900	16.840
Total	111.138	116.402

Fonte: DRC

Atividades culturais no âmbito musical, de dança e de representação cénica, foram desempenhadas por diversas agremiações e grupos que, em 2012, correspondiam a 101 filarmónicas, 62 grupos de folclores e 23 grupos de teatro, respetivamente.

Agremiações e Grupos Culturais

	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR	Total
Filarmónicas	1	36	24	4	14	13	7	1	1	101
Grupos de Folclore	3	22	20	1	2	8	5	1	0	62
Grupos de Teatro	0	9	8	1	1	1	2	1	0	23

Fonte: DRC

15. SAÚDE

Tendo em vista objetivos de prevenção e promoção de saúde pública, os respetivos serviços regionais continuaram a executar ações de vacinação orientadas para diversas camadas da população.

Efetivamente, em 2012, a rede regional de centros de saúde da Região Autónoma dos Açores registou um volume de 55 milhares de inoculações, estendendo-se desde vacinas em crianças de menor idade, até ações mais específicas para atender a eventuais focos de epidemias.

O volume global de serviços prestados, em termos de consultas e de urgências, durante o ano de 2012, em resposta à procura de cuidados de saúde pelas pessoas residentes, registou um decréscimo em relação ao ano anterior.

O sentido desta variação anual decorreu do número de urgências concretizadas, já que o de consultas externas manteve um crescimento na linha de evolução dos últimos anos.

Efetivamente, o número de 340 160 urgências, em 2012, representa um decréscimo de -11,1% em relação ao ano anterior, centrando-se nas urgências dos centros de saúde, enquanto as dos hospitais se mantiveram a um nível mais comparável ao do ano anterior.

Consultas e Urgências

	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Consultas.....	508 567	558 002	558 049	563 452	584 328	605 909
Centros de Saúde*	302 075	332 082	315 935	318 957	321 717	334 749
Hospitais.....	206 492	225 920	242 114	244 495	262 611	271 160
Urgências	416 912	430 316	428 215	419 629	382 688	340 160
Centros de Saúde .	262 343	274 380	273 015	256 015	232 218	187 811
Hospitais	154 569	155 936	155 200	163 614	150 470	152 349

* Inclui consultas no Centro de Oncologia.

Fonte: Direção Regional de Saúde.

No que respeita à procura por serviços prestados por internamento na rede regional de equipamentos de saúde, durante o ano de 2012, o número total de 28 682 doentes representa um decréscimo de 2.1% em relação ao ano anterior.

Entretanto, mantiveram-se na generalidade os indicadores de estrutura de oferta, em termos de capacidade absoluta e de intensidade de tratamento, como serão os exemplos de lotação na ordem de 9 centenas de camas e de demora média de 7 dias de internamento por doente, respetivamente.

Na medida em que assim foi, aquela redução da procura repercutiu-se linearmente em termos de níveis de utilização dos recursos disponíveis, registando-se uma taxa de ocupação de 55,7% em 2012, enquanto no ano anterior tinha sido de 57,3%.

Internamento

	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Doentes.....	27 761	29 116	29 305	29 072	29 309	28 682
Dias	214 924	212 167	211 922	206 874	206 293	201 916
Lotação.....	989	1 009	996	983	987	994
Demora média (dias)...	7,7	7,3	7,2	7,1	7,0	7,0
Taxa de ocupação (%).	59,5	57,6	58,3	57,7	57,3	55,7

Fonte: Direção Regional de Saúde.

O volume de 4,6 milhões de meios complementares dos atos médicos, em 2012, também representa um decréscimo em relação ao ano anterior e interrompe uma longa sucessão de registos anuais sempre maiores que os dos respetivos anos anteriores.

O decréscimo é evidente através da redução que os meios de diagnóstico registaram, sendo de 3,7 milhões em 2012, enquanto no ano anterior tinham sido de 4,1 milhões.

Este decréscimo absoluto de utilização de meios de diagnóstico, no contexto dos meios complementares em geral, corresponde a uma média de menor consumo de recursos de análises e exames em relação a cada caso de tratamento e dos respetivos meios terapêuticos.

Meios Complementares

	2007	2008*	2009*	2010	2011	2012
Diagnóstico ...	3 176 640	3 338 872	3 490 480	3 799 841	4 127 076	3 744 287
Terapêutica ..	467 199	522 594	547 768	589 672	802 399	897 054
Total	3 643 839	3 861 466	4 038 248	4 389 513	4 929 475	4 641 341

*Foram retificados os dados de terapêutica.
Fonte: Direção Regional de Saúde.

O total de 4 663 profissionais no sistema regional de saúde, em 2012, representa um acréscimo de 2,3% em relação ao ano anterior.

Registaram-se variações positivas nas diversas categorias profissionais, mas foram as de enfermeiros e de técnicos de diagnóstico e terapêutica que voltaram a contribuir de forma mais expressiva para o alargamento dos níveis de qualificação dos recursos humanos ao serviço nas estruturas de saúde.

Pessoal

	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Médicos.....	514	491	495	541	515	531
Enfermeiros	1 256	1 336	1 311	1 388	1 403	1 459
Técnicos de diagnóstico e terapêutica	238	257	265	276	295	306
Outro pessoal	2 371	2 433	2 367	2 341	2 347	2 367
Total	4 379	4 517	4 438	4 546	4 560	4 663

Fonte: Direção Regional de Saúde.

As distribuições por ilhas dos equipamentos e das atividades no âmbito do serviço regional de saúde refletem estruturas e variações de adaptação a momentos e circunstâncias de evolução.

Elementos mais representativos de medicina curativa e com maior intensidade operativa surgem com maior grau de concentração nas ilhas onde se localizam equipamentos e recursos mais especializados.

Elementos relativos a primeiro atendimento e a medicina preventiva encontram-se mais acessíveis e, conseqüentemente, mais dispersos entre as diversas ilhas.

Distribuição por ilhas

	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR	Total
Profilaxia.....	1 379	30 087	13 478	856	1 786	3 534	3 935	650	130	55 835
Consultas	12 413	318 978	128 517	13 830	21 001	29 177	65 963	13 794	2 236	605 909
Doentes.....	807	15 664	6.617	318	730	699	3 608	239	0	28 682
Lotação	20	511	226	16	53	41	108	17	2	994
Diagnósticos	70 048	2 075 187	842 643	72 780	100 222	204 060	328 670	50 609	68	3 744 287
Médicos	3	305	138	2	6	15	57	4	1	531

Fonte: Direção Regional de Saúde

16. SEGURANÇA SOCIAL

O total de 49 372 pensionistas registados no sistema de Segurança Social, em 2012, representa um acréscimo de 0,1% em relação ao ano anterior.

Este resultado anual decorre da combinação das evoluções nas duas componentes mais representativas, a de velhice e a de sobrevivência, com o decréscimo na terceira componente, a de reformas por invalidez.

Efetivamente, a componente de pensões de velhice para substituição de retribuição do trabalho e a componente de pensões por sobrevivência cresceram às taxas médias anuais de 0,7% e 0,8%, respetivamente.

Já a componente de pensões por invalidez registou um decréscimo significativo, que se traduziu numa taxa média anual de -2,7% e se integrou numa tendência que se vem delineando nos anos mais recentes.

Pensionistas da Segurança Social

	Pensionistas (Total)	Pensionistas por		
		Velhice	Invalidez	Sobrevivência
2007	47 937	24 387	8 807	14 743
2008	48 155	24 534	8 783	14 838
2009	48 411	24 747	8 703	14 957
2010	49 088	25 204	8 896	14 988
2011	49 315	25 495	8 787	15 033
2012	49 372	25 666	8 552	15 154

Fonte: C.G.F.S.S.

O total das receitas, no montante de 217 milhões de euros no mesmo ano de 2012, representa um decréscimo nominal à taxa média de -2,5% em relação ao anterior.

Este decréscimo foi determinado pelas receitas provenientes das contribuições, que constituem a fonte dominante de financiamento do sistema.

Receitas e Despesas Correntes

1 000 Euros

	2010	2011	2012
Receitas.....	208 690	222 617	217 037
Contribuioes.....	201 406	203 159	196 903
Rendimentos	2 089	2 681	2 220
Outras.....	5 195	16 777	17 914
Despesas	195 456	197 240	206 189
Prestacoes dos regimes*	109 577	103 485	118 770
Aco Social.....	49 973	58 011	60 747
Administrao e outras	35 906	35 744	26 672
Saldo (Receitas – Despesas)	13 234	25 377	10 848
Saldo (Contribuioes – Prestacoes)	91 829	99 674	78 133

* Conforme nova Lei de Bases.

Fonte: CGFSS.

Ao contrário das receitas, as despesas registaram um aumento acentuado. De fato, o montante total de despesas em 206,2 milhões de euros corresponde a um aumento de 4,5% em relaoo ao ano anterior.

As variaoes mais significativas para o aumento de despesa seja pela dimenso dos volumes envolvidos, seja pelas intensidades respetivas, concentraram-se em diversas formas de apoio ao desemprego, nomeadamente a incluida na rubrica designada por Repartio – Regime Geral.

Despesas – Prestacoes dos Regimes

1 000 Euros

	2010	2011	2012
Rendimento Social de Inseroo	20 522	16 443	17 702
Subsídio Social de Desemprego/provisório/majoraoo ..	7 489	6 110	8 198
COMPAMID *	2 328	2 772	1 557
Regime Não Contributivo	1 669	1 709	2 382
Regime Transitório dos Rurais	1	1	0
Regime Especial de Seg. Social das Ati. Agrícolas	1 280	1 135	1 057
Subsídio Social na Maternidade.....	1 171	1 199	1 191
Proteoo Familiar	32 610	25 956	25 227
Prestacoes Sociais.....	1 857	1 975	3 258
Repartioo - Regime Geral	40 405	46 079	57 717
Políticas Ativas de Emprego e Formaoo Profissional	244	106	481
TOTAL.....	109 577	103 485	118 770

* Complemento para aquisioo de medicamentos pelos idosos (DLR n4/2008/A, de 26 de Fevereiro).

Fonte: CGFSS.

O volume de 60,7 milhões de euros com despesas de ação social representa um crescimento de 4,7% em relação ao ano anterior.

Neste âmbito da Ação Social, a componente Família e Comunidade prosseguiu na linha de evolução já registada e destacada no ano anterior.

Despesas – Ação Social

1 000 Euros

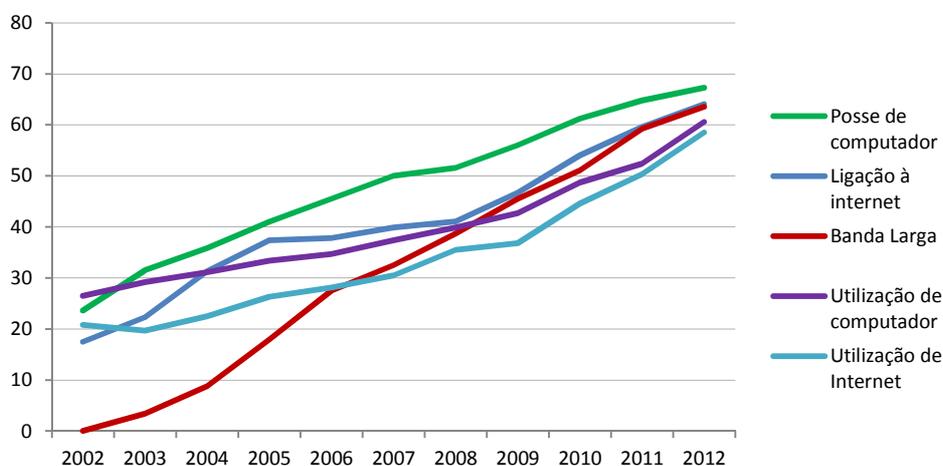
	2010	2011	2012
Infância e Juventude.....	26 017	29 049	28 867
Família e Comunidade	8 409	12 269	15 031
Invalidez e Reabilitação	4 313	4 828	4 669
Terceira Idade	11 234	11 865	12 180
Total.....	49 973	58 011	60 747

Fonte: CGFSS.

17. SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Os dados do Inquérito à utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias são reveladores da evolução positiva do acesso às TIC pelas famílias.

Evolução de Tecnologias de Informação e de Comunicação nos Agregados Domésticos - RAA



Em 2012, 67,3% das famílias nos Açores têm acesso a computador em casa, 64,1% dispõem de ligação à Internet e 63,5% têm acesso a banda larga.

A Região posiciona-se em termos das famílias com acesso à TIC acima da média, no entanto na utilização de computador e de internet encontra-se ligeiramente abaixo da média nacional.

Em 2012, continuou a progressão da banda larga, situando-se ao nível da proporção de famílias que dispõem de ligação à internet. Entretanto, continua uma certa distância em relação ao conjunto total de famílias que possui computador. Aliás há também uma margem entre as famílias que dispõem de internet e as que efetivamente as utilizam.

Distribuio por Regiões, em 2012, de TICs nos Agregados Domésticos

Unidade: %

	Posse de computador	Ligao à Internet	Banda Larga	Utilizao de computador	Utilizao de Internet
Portugal	66,1	61,0	59,7	62,4	60,3
Norte.....	64,6	58,0	55,7	58,4	55,7
Centro	61,1	55,2	54,2	56,7	54,9
Lisboa	74,8	71,9	71,5	74,1	72,7
Alentejo.....	54,6	48,8	47,2	56,1	54,1
Algarve	64,4	60,7	59,9	65,2	63,7
R. A. Açores.....	67,3	64,1	63,5	60,6	58,5
R. A. Madeira	64,2	60,5	60,0	59,1	57,4

Fonte: INE.

No contexto das pessoas entre os 16 e 74 anos, 60,6% utilizam computador, 58,5% acedem à internet e 14,7% utilizam o comércio eletrnico, o que revela para este último indicador uma posio superior à referência nacional (13,3%).

Pessoas entre 16 e 74 anos que utilizam computador, Internet e comércio eletrnico, em 2012

Unidade: %

	Computador	Internet	Comércio eletrnico
Portugal.....	62,4	60,3	13,3
Continente	62,5	60,5	13,3
Norte	58,4	55,7	11,0
Centro.....	56,7	54,9	13,0
Lisboa	74,1	72,7	16,5
Alentejo	56,1	54,1	13,9
Algarve	65,2	63,7	12,5
R. A. Açores	60,6	58,5	14,7
R. A. Madeira	59,1	57,4	13,9

Fonte: INE.